



Fatec
Americana

CENTRO PAULA SOUZA



GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO

FALCUDADE DE TECNOLOGIA DE AMERICANA

Produção Têxtil

Marcela Cristina da Silva Teixeira

Edison Valentin Monteiro

**O COMPORTAMENTO SOCIAL EXPRESSADO ATRAVÉS DA
INDUMENTÁRIA**

Americana – São Paulo

2012

FALCUDADE DE TECNOLOGIA DE AMERICANA**Marcela Cristina da Silva Teixeira****O COMPORTAMENTO SOCIAL EXPRESSADO ATRAVÉS DA
INDUMENTÁRIA**

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia de Americana
como parte das exigências do curso de Produção Têxtil para a
obtenção do Título de Tecnólogo no Curso de Produção Têxtil.

Orientador: Edison Valentin Monteiro (Mestre)**Americana – São Paulo****2012**

**FICHA CATALOGRÁFICA elaborada pela
BIBLIOTECA – FATEC Americana – CEETPS**

T267c	Teixeira, Marcela Cristina da Silva O comportamento social expressado através da indumentária. / Marcela Cristina da Silva Teixeira. – Americana: 2012. 150f. Monografia (Graduação em Tecnologia Têxtil). - - Faculdade de Tecnologia de Americana – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Orientador: Prof. Ms. Edison Valentin Monteiro 1.Modas I. Monteiro, Edison Valentin II. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – Faculdade de Tecnologia de Americana. CDU: 687.016
-------	---

Bibliotecária responsável Ana Valquiria Niaradi – CRB-8 região 6203

Marcela Cristina da Silva Teixeira, RA 092427

**O COMPORTAMENTO SOCIAL EXPRESSADO ATRAVÉS DA
INDUMENTÁRIA**

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo no Curso de Produção Têxtil da Faculdade de Americana.

Banca Examinadora

Orientador: _____
Edison Valentin Monteiro, Mestre, Fatec

Professor da Disciplina: _____
José Fornazier C. Sampaio, Mestre, Fatec

Professor Convidado: _____
Maria Alice Ximenes Cruz, Doutora, Fatec

Americana , 18 de Junho 2012.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus por todas as bênçãos a mim concedidas.

Ao meu querido marido, Ricardo, que com todo amor e carinho, me ajudou e me incentivou em todos os momentos desta minha jornada, além de me auxiliar com toda paciência e dedicação nesta pesquisa e em todo meu desenvolvimento durante o curso.

Ao meu filho querido, Felipe, pelo carinho e compreensão pela doação de tempo de convívio que esteve junto a mim durante o decorrer deste curso.

Aos meus pais , Lourivaldo e Leonice, que com muito amor, mesmo não estando presentes neste projeto, me deram todo o incentivo para que eu fosse atrás dos meus objetivos e conquistasse um futuro melhor.

Aos meus irmãos, Thiago e Fabiana, que me motivaram em diversos momentos ofertando apoio e estímulo para continuar a jornada mesmo frente às adversidades.

Ao meu professor e orientador Edison Valentin Monteiro, que ao longo do curso e deste trabalho, me deu todo apoio para que eu desenvolvesse o trabalho com qualidade e conteúdo.

A minha professora, convidada, Maria Alice Ximenes Cruz, que com suas excelentes e animadas aulas, me foi de grande ajuda e fundamental importância para a elaboração desta pesquisa.

E Por fim a todos os professores e amigos que de maneira direta ou indireta foram de grande importância na jornada de aprendizado durante o decorrer do curso.

Resumo

TEIXEIRA, Marcela Cristina da Silva. **O Comportamento Social Expressado Através Da Indumentária**. 2012. 150f. Trabalho Acadêmico de Tecnologia da Produção Têxtil – Faculdade de Tecnologia de Americana (FATEC-AM), Americana.

Para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso foram utilizadas bibliografias e publicações que se referem à moda, comunicação da moda, comportamento social e regras de etiqueta. A moda é também uma ferramenta de comunicação entre os indivíduos e que há uma linguagem para compreender esta comunicação. Verificaremos, também que as pessoas escolhem suas roupas com alguma intenção, seja para proteção, estética, conforto, pudor, querer ser aceito num grupo ou então, ostentar o poder financeiro que ele tem. Considerando que, nos dias de hoje, a moda expressa a personalidade de cada pessoa numa constante busca pela individualidade norteada em alguns padrões customizados. Fato que me levou a estudar e tentar entender estes comportamentos, que teve seu início com as Leis Suntuárias, as quais, determinavam o que ou como o indivíduo devia se vestir.

Palavras-chaves: Moda, Indumentária. Leis Suntuárias. Comportamento Social. Regras de Etiqueta.

Abstract

TEIXEIRA, Marcela Cristina da Silva. Comportamento Social Expressado Através Da Indumentária. 2012. 150f. Trabalho Acadêmico de Tecnologia da Produção Têxtil – Faculdade de Tecnologia de Americana (FATEC-AM), Americana.

To carry out this work Completion of course were used bibliographies and publications that relate to fashion, fashion communication, social behavior and etiquette. Fashion is also a communication tool between individuals and that there is a language to understand this communication. We shall find also that people choose their clothes with any intention, either for protection, aesthetics, comfort, modesty, wanting to be accepted in a group or else bear the financial power it has. Whereas today, fashion expresses the personality of each person in a constant search for individuality guided in some custom patterns. This fact led me to study and try to understand these behaviors, which began with the sumptuary laws, which, determined what or how the individual ought to dress.

Keywords: Fashion. Clothes. Sumptuary laws. Social Behavior. Rules of Etiquette.

Sumário

1	Introdução.....	9
2	Definição do problema.....	11
3	Objetivos.....	11
	3.1 Objetivo geral.....	11
	3.2 Objetivos específicos.....	11
4	Justificativa.....	12
5	Síntese histórica da etiqueta social	13
	5.1 Leis Suntuárias	16
	5.2 Moda.....	18
	5.2.1 O Surgimento da moda	20
	5.3 Mudanças ocorridas na relação entre as cortes e súditos	21
	5.4 Mudanças na etiqueta social	22
	5.5 Moda e comportamento	27
6	História da indumentária	29
	6.1 Pré-história	29
	6.2 Antiguidade Oriental	30
	6.2.1 Egito	30
	6.3 Antiguidade Clássica	32
	6.3.1 Creta	32
	6.3.2 Grécia	34
	6.3.3 Roma	36
	6.4 Idade Média	38
	6.4.1 Povos bárbaros	39
	6.4.2 Bizâncio	41
	6.4.3 Europa feudal	43
	6.4.4 Europa gótica	46
	6.5 Idade Moderna	50
	6.5.1 Renascimento	50
	6.5.2 Barroco	62
	6.5.3 Rococó	68
	6.6 Século XIX	74

6.6.1	Império	74
6.6.2	Romantismo	77
6.6.3	Era Vitoriana	80
6.6.4	La Belle Époque	85
6.7	Idade Contemporânea: Século XX	90
6.7.1	Década de 1910	91
6.7.2	Década de 1920	97
6.7.3	Década de 1930	102
6.7.4	Década de 1940	109
6.7.5	Década de 1950	113
6.7.6	Década de 1960	118
6.7.7	Década de 1970	123
6.7.8	Década de 1980	127
6.7.9	Década de 1990	132
6.7.10	Moda no Século XXI.....	134
6.7.11	Renovação das regras de etiqueta.....	139
6.7.12	Conclusão.....	145

1 Introdução

A moda está todo o tempo lado a lado com as pessoas, apesar de muitas vezes passar despercebida. Porém ela está ligada a diferentes povos, e ao recordarmos histórias passadas, vimos que a moda excede através dos hábitos, gostos, desejos, estilo de vida e principalmente nas vestimentas de cada época e sociedade.

Mais do que gosto singular, de uma determinada década ou período, a moda ultrapassa todo o contexto social, econômico e político de um grupo de pessoas. Está diretamente relacionada com comportamento, comunicação e cultura de um povo.

Podemos considerar que houve muitas conquistas do sexo feminino na evolução indumentária, por exemplo com a abolição do espartilho até a moda contemporânea masculinizada. Motivadas por grandes acontecimentos históricos, como as guerras mundiais, que levaram as mulheres a assumirem a posição de seus maridos e irmãos no quadro fabril de seu país.

Outro fato importante é reconhecer que através dos anos a indumentária, bem como, o comportamento de uma sociedade civilizada, se iniciou nas classes mais abastadas e/ou na nobreza. Que muito mais, que uma exibição de posses, a indumentária e as regras de convívio social são marcos de estabelecimento da hierarquia e do poder em uma sociedade.

Percebe-se também, que nas últimas décadas, com a facilidade de acesso a informação das classes menos favorecidas e a quebra das barreiras entre povos diferentes, facilitados pelas mídias de comunicação, criou uma independência e uma contestação dos modelos formais de vestuário e comportamento, levando o indivíduo a estabelecer a própria moda.

Contudo, o estudo do comportamento social e histórico é de fundamental importância, bem como o estudo da comunicação e linguagem que a indumentária exerce.

Os elementos norteiam as várias tendências de se vestir, nos diversos lugares seja por proteção, hierarquia, pudor, exibicionismo ou simplesmente para satisfazer o próprio ego, como também o que leva as pessoas a usar tais modelos e adornos.

2 Definição do problema

O padrão de comportamento das pessoas, frente a diversas posições que as mesmas se deparam, geram conflitos, já que de uma maneira geral, muitos ainda vêm as regras de etiquetas e os manuais de comportamento como frescura. Entretanto, percebe-se que o advento da globalização que está fazendo com que o mundo passe por grandes transformações e conseqüentemente, a necessidade de se integrar ao mundo, já se faz presente.

É evidente que o mundo está necessitado de novas Leis e Regras, sem as quais, não podemos sequer sobreviver, e com isso, algumas pessoas estão se interessando em se tornar um ser cada vez melhor, tanto no comportamento social como na forma de se vestir, porém algumas ainda se encontram perdidas dentro deste contexto.

Diante da problemática citada acima, o presente estudo tem como objetivo, mostrar como é importante o tema proposto desta pesquisa feita a partir de análises da linguagem transmitida pela indumentária através dos comportamentos sociais e porque as pessoas precisam se adequar às propostas de conviver melhor uns com os outros, seja na vestimenta ou no comportamento nos diferentes lugares.

3 Objetivos

3.1 Objetivo geral

Fazer um breve levantamento da Moda e das Regras de Etiqueta através da História e apontar de que forma se dá a necessidade de adequação ao que é certo e errado de acordo com os manuais de regras e estilo deste novo século.

3.2 Objetivos específicos

- Abordar os conceitos das Regras de Etiqueta e Moda ao longo da História;
- Identificar e comparar estas Regras do passado com as de hoje;
- Apontar a moda como comunicação social;
- Levantar a importância da adequação às Regras de Etiqueta e Moda nos dias atuais.

4 Justificativa

Este trabalho se justifica a partir do momento em que se discutem os aspectos das Regras de Etiqueta no contexto Histórico, focando no comportamento social e na comunicação através das vestimentas.

No entanto que regras são essas?

Quem cria a idéia de regra, beleza, conduta e etiqueta?

Temos que seguir todos estes manuais á risca ou devemos usar nosso bom senso?

Seguindo a mesma linha de pensamento, esta pesquisa busca o entendimento da necessidade do surgimento de tantos manuais, a busca pelo melhoramento pessoal através das etiquetas do comportamento social e moda para viver melhor em sociedade.

5 Síntese Histórica da Etiqueta Social

De acordo com “Castro (1997, p.11)”, é difícil afirmar com absoluta certeza qual foi à primeira obra a tratar do tema, mas a Biblioteca de Nova York aponta um papiro egípcio de 2500 a.C., denominado “As Instruções de Ptah-hotep”, como é o primeiro documento que fala sobre normas de conduta. Este papiro, que se encontra preservado na Biblioteca de Paris, é um completo manual de boas maneiras e já foi considerado por alguns historiadores como a semente de muitas regras de etiqueta que floresceram mais tarde no Ocidente.

Culturas com ar de romanas e gregas clássicas mantinham seus próprios padrões de comportamento. Eram repassados aos adolescentes as maneiras e comportamentos melhores para exercer na fase adulta em acordo com os padrões estabelecidos pelos grupos sociais de convívio.

Nada acontece por acaso, as regras de etiqueta também. As normas de etiqueta surgiram na França, como forma de padronizar o comportamento de um grupo social. Mas o homem da pré-história já havia aprendido a cooperar e se organizar socialmente, até como forma de garantir sua sobrevivência.

Aos nobres, que eram dos palácios ou as pessoas que compunham a corte, os ensinamentos eram voltados para o timbre de voz, gesticulação, formas corretas de conversação, sobre ouvir, em resumo ligados também à postura perante as situações. Os nobres e os ricos davam relevância aos seguimentos da política, atitudes de moral e ao poder envolvidos.

Segundo Manarcorda, (2002, p.36), o autor menciona que no período demótico, havia a existência de um manual de boas maneiras para aqueles que queriam se introduzir no mundo social dos ricos.

A etiqueta social teve sua maior exposição no século XIV, com Luis XIV, onde o rei era visto como uma representação máxima de poder na monarquia absolutista “(Arruda, 1998: 31)”.

Fonte inesgotável de controle social é o cerimonial do levantar do rei Luís XIV, sendo possível distinguir o prestígio e a hierarquização de cada nobre, bem como demarcando com muita precisão o centro de equilíbrio da corte. O acesso ao quarto de dormir composto por entradas pré-determinadas, o vestir do rei, a prece, enfim, cada gesto em seus aposen-

tos determinava com muita ética, a maneira com que Luís XIV governava e mantinha o controle sobre os nobres da corte.



Rei Luis XIV , 1 ,

Fonte: http://blogartecolorida.blogspot.com.br/2011_05_01_archive.html

O rei, possuía uma das cortes mais luxuosas e requintadas com sua vida social muito intensa. Era conhecido como Rei Sol, uma vez que em 1663, ele apresentou-se num espetáculo de dança fantasiado de Sol, e ainda usava uma famosa frase para demonstrar seu poder, “O Estado sou Eu (Arruda, 1998, p.58).”

Ele era tido como um modelo para as cortes européias e a classe burguesa. Pois ele criava e seguia suas próprias regras de moda e etiqueta e a importância para o uso do garfo, comportamentos perante o Rei, entre outras conotações.

A Corte de Versalhes, era copiada por toda Europa, inclusive pelos ingleses, que não suportavam os exageros dos franceses, mas admiravam seu bom gosto, principalmente, na culinária, (Veríssimo, 1999, p.25).

A educação na corte, era artificial, relacionada o dos gestos apropriados a situações vivenciadas pelos nobres. Educava-se para o “ideal de pessoa bem educada” de cortesão ou de homem gentil.

Segundo “Weber (1969)”, “Antes mesmo de deixar Viena pela corte da França em 1770, a jovem princesa Maria Antonieta, recebeu um curso concentrado e intensivo sobre a maneira como os Bourbons lidavam com a aparência, o vestuário e a imagem pública. Ela foi redesenhada da cabeça aos pés e um instrutor de dança francês treinou-a para se mover graciosamente ao usar saltos altos, saias balão e uma pesada e incômoda cauda. Sua aparência, os mais velhos lembravam incessantemente, decidiria seu sucesso ou fracasso como esposa real francesa”.

O nome “etiqueta” origina-se dessa época, uma vez que, eram distribuídas etiquetas aos nobres quando estes chegavam ao pátio do palácio, contendo instruções de como se portar, o lugar a ser ocupado na mesa e outras instruções.

Em suma as regras de etiquetas são necessárias para o convívio em sociedade, para impor limites. As normas são as mesmas de sempre, independente do tipo de recepção que irá acontecer, ou seja, talheres, pratos e copos estarão sempre dispostos à mesa nos mesmos lugares. O mesmo acontece em relação ao comportamento das pessoas, não importa o lugar, a situação, o comportamento deve ser sempre pautado pelo respeito, e pela boa educação.



Exemplo de comportamento em ambiente social , 2 ,

Fonte: do autor

5.1 Leis Suntuárias

A partir do século XIII, “o mercado oferece um numero crescente, em relação às épocas anteriores, de bens adquiríveis por um número igualmente crescente de pessoas.” (MUZZARELLI, 2008, p. 21). Graças aos mercadores, os mais ricos podem comprar seda, pedras preciosas, sendo reservadas aos mais pobres, peças mais baratas e tecidos inferiores e cores diferentes dos ricos.



Luis XV com Indumentária em cor Azul e Dourado exemplo da Nobreza, 3,
Fonte:<http://saia-justa-georgia.blogspot.com.br/2009/01/roupas-do-renascimento.html>

Nesse período, surgiram as leis suntuárias, conflitos devastadores em busca pelo poder; e dessa forma a proibição do uso de certas roupas, cores, também era um instrumento de luta entre as classes sociais. Essas leis eram verdadeiras chaves de acesso à maneira de se vestir na sociedade da época medieval.

As providências estatutárias modificaram e padronizaram o modo de vestir principalmente das mulheres, ditando regras a serem seguidas com relação ao que se deveria ou não vestir, sendo as únicas pessoas que escapavam a essas leis os doutores em medicina e cavaleiros.

Durante muito tempo considerou-se possível, segundo Muzzarelli (2008), regular e controlar a aparência de homens e mulheres, baseado nessa lei, já que a questão da escolha do vestuário não era uma escolha privada, mas sim matéria de intervenção pública.

Nesse sentido pode-se explicar a frase “um outro par de mangas”, é uma expressão, ainda em uso, que nasceu da prática medieval de substituir, na mesma roupa, um par de mangas constantemente elaboradas, preciosas e vistosas, por outro igualmente suntuoso, e capaz de chamar a atenção a ponto de fazer com que a mesma roupa parecesse uma peça diferente. (MUZZARELLI, 2008, p. 22) Esse processo surgiu pelo fato de se limitarem os custos por meio da substituição de uma única parte da roupa.

Hoje, essa expressão trata de uma coisa totalmente diferente. Com relação às leis suntuárias, suas normas eram bem rígidas, porém havia formas de se escapar delas, por meio do pagamento de multas. A falta de dinheiro generalizada, nos momentos de crise, tornava contraditória a ostentação, e isso fez com que homens e mulheres amantes do luxo, para sustentá-lo, aceitassem pagar uma multa para portar peças de roupa preciosas.

Ao longo do século XV, atribui-se uma estética às leis suntuárias específicas para cada classe social: “[...] teria bastado uma olhadela para saber diante de quem nos encontramos se da mulher de um sapateiro ou da filha de um comerciante.” (MUZZARELLI, 2008, p. 24).

A regulamentação das aparências continuou na Idade Moderna até o século XVIII, e marcava distâncias entre as pessoas com relação às classes sociais a que pertenciam. As roupas, segundo o autor, circulavam dos ateliês até a casa dos consumidores, como formas de presentear alguém, como moeda de troca e até mesmo como herança. A vida de uma roupa nesse período era longa, chegava cerca de 30, 40 anos, passando de geração em geração.

Algumas pessoas, na época das leis suntuárias, pregavam e conduziam campanhas entusiastas contra o luxo e a vaidade, visando às consumidoras vorazes de belas roupas, e com isso, as convidavam a renunciar ao luxo, promovendo verdadeiras “fogueiras da vaidade.” Contudo, “foi assim que os *balzi*, espécie de toucado de formato arredondado que estava muito em moda no final da Idade Média, juntamente com os livros considerados frívolos, foram queimados em praça pública, no lugar das almas de seus imprudentes e vaidosos proprietários,” (MUZZARELLI, p. 25). Dessa forma, em meados do século XIV, as variações da aparência passam a ser cada vez mais freqüente e mais extravagantes, sendo a mudança, não mais um fenômeno raro, tornando-se regra dos prazeres da alta sociedade.

5.2 Moda

A palavra “moda” vem do latim *modus*, significa “modo”, “maneira”. É um sistema que acompanha o vestuário e o tempo, que integra o simples uso das roupas no dia-a-dia a um contexto maior, político, social, sociológico.

Há muito preconceito em relação à moda, em parte porque tem um caráter efêmero (muda sempre, e seu meio é a roupa) e porque ela tem a ver com a aparência, supostamente privilegiando o superficial. Muitas vezes, a moda também é vista como algo feito para iludir, disfarçar ser alguém que na verdade não se é.

Quem a critica dessa forma certamente desconhece as implicações sociológicas e psicológicas da moda: coisas simples como se sentir bem ao usar determinada roupa, vulnerável vestindo outra. Porém a moda já deixou de ser sinônimo de futilidade e improvisação há muito tempo.



Exemplos de indumentárias, acessórios e objetos dos anos 50, 4,
 Fonte: <http://www.fotosimagens.net/anos-50.html>

Se retornarmos para os anos 50 e depois nos 70, veremos as mudanças, isso é que é moda. Ao retratar essas transformações, a moda reflete a sociedade à sua volta, sendo possível entender um grupo, um país, naquele período pela moda então praticada. Um bom exemplo disso ocorreu durante a Primeira Guerra Mundial, quando a mulher assumiu novos papéis, enquanto os homens lutavam, as mulheres trabalhavam nas indústrias. Suas roupas tiveram que ficar mais práticas; as saias foram cortadas, e aparece um novo com-

primento, até a canela. Com as privações causadas pela guerra, surgiram novos materiais, inclusive o uso de tecidos pouco nobres.



Indumentária Período Renascentista, 5,

Fonte: <http://cabidee.blogspot.com.br/2010/05/historia-da-indumentaria-renascimento.html>

A moda sempre andou junto com a história desde o período do renascimento, Com o desenvolvimento das cidades e a aproximação das pessoas na área urbana, houve o desejo de imitar: os burgueses copiavam os tecidos, o jeito de se vestir e se portar da nobreza, que não ficou nem um pouco contente em se parecer com esses plebeus endinheirados. Começaram então a criar códigos para vestimenta que mudavam rapidamente, antes que a burguesia tivesse tempo de copiá-los. Neste período, também, foram criadas as regras de etiqueta com o único objetivo de se diferenciar as origens. A nobreza então caiu e os burgueses tornaram-se os donos do mundo, e a moda “pegou”.

Aos poucos, a evolução do vestuário foi acontecendo e atualmente tratar de moda implica lidar com elementos complexos, especialmente quando combinados. Tangemos valores como imagem, auto-estima, estética, padrões de beleza, inovações tecnológicas, modelos, moda de rua, tribos, criatividade, talento, pois nada é eterno na moda. Talvez por isso, a moda seja tão fascinante.

Segundo o filósofo Manuel Fontán de Junco, "conseguiu estabelecer uma ponte entre a beleza e a vida. A moda é uma arte que se usa, que se leva para a rua; é uma arte de consumo a que todos têm acesso". E é fundamentalmente uma arte humana. Uma arte feita por e para o homem.

5.2.1 O Surgimento da moda

A moda surgiu em meados do século XV no início do renascimento europeu. A variação da vestimenta surgiu para diferenciar o que antes era igual, pois, usava-se um mesmo estilo de roupa do nascimento até a morte. A partir da idade média, as roupas eram diferentes seguindo um padrão que aumentava de acordo com a classe social, houve, inclusive, leis que restringiam tecidos e cores somente aos nobres, e eram chamadas de Leis Suntuárias, porque determinavam o limite de suntuosidade no vestir. A burguesia que não era nobre, mas era rica, passou a imitar o estilo das roupas dos nobres iniciando um processo de grande trabalho aos costureiros que a partir de então, eram obrigados a produzir diferentes estilos para diferenciar os nobres dos burgueses.



Mix de vários estilos de moda em várias épocas, 6 ,
Fonte: <http://modaaolongodosanos.blogs.sapo.pt/2876.html>

Com a revolução industrial no século XVIII e a invenção das máquinas em 1850, o custo dos tecidos diminuiu muito, fazendo com que até os mais humildes pudessem comprar roupas melhores. Mesmo após a facilidade das confecções, as mulheres ainda eram privadas da modernidade continuando a usar roupas sob medida. A partir desta dificuldade, surgiu a alta costura que produzia diferentes estilos por meio de estilistas que inventavam tendência.

5.3 Mudanças ocorridas na relação entre as cortes e súditos

É a partir do renascimento, quando as cidades se expandem e as vidas das cortes se organizam, que se acentua no Ocidente o interesse pelo traje e começa acelerar-se o ritmo das mudanças. A aproximação em que vivem as pessoas nas áreas urbanas desenvolve, efetivamente, a excitabilidade nervosa, estimulando o desejo de competir, o hábito de imitar. Nas sociedades mais tediosas, por exemplo, o ambiente torna-se propício às inovações que, lançadas por um indivíduo ou grupo de prestígio, logo, propagam-se de maneiras mais ou menos coercitiva pelos grupos imitadores, temerosos de sentirem-se isolados.

E que se bem que a competição no início se efetue dentro de um grupo fechado, pois as Leis Suntuárias controlam o processo impedindo a participação nele das camadas inferiores da sociedade, aos poucos, devido às especulações do comércio ou da indústria, a riqueza e o nível social deixam de coincidir, os editados se abrandam[...] (GILDA, 1987, p.20).

Um dos codificadores da etiqueta social é Erasmo de Roterdã, sua educação positivista, acreditava que as crianças deveriam receber desde pequenas, hábitos ligados às boas maneiras, entre elas, a conversação, os elogios, o saber ouvir aos mais velhos, as regras de *savoir-vivre* (conhecimentos e práticas dos usos e costumes da vida social) entre outras. Essas normas distinguiam as pessoas ignorantes, de poucas posses, das pessoas refinadas e educadas.

Havia, nessa época, uma contrariedade em relação à leitura feita da etiqueta entre os nobres e os burgueses. Os nobres viam na etiqueta social um conjunto de regras cuja finalidade era a de melhorar o espírito indo de encontro com a polidez do homem “civilizado”, ou seja, a cortesia, o gosto pelas artes, a arte da boa conversação, as letras, a forma correta de receber o outro, as saudações, a arte da boa mesa e todos os preceitos capazes de levá-los à arte do convívio social.

Quanto à burguesia renascentista era caracterizada por profundas transformações políticas, sociais e econômicas. Nesse período o quadro social é marcado pela ascensão da burguesia, que se chocava com a nobreza feudal, que, mesmo ciente do poder de capital do burguês, na maioria das vezes o rejeitava pelas suas origens e costumes. O novo rico co-

meçou a se infiltrar no cotidiano do nobre (às vezes decadente) e copiar aquilo que lhes davam status, ou seja, suas condutas e regras sociais.

O homem da cidade ou o burguês, aquele que detinha o poder de mercado, nem sempre era capaz de “educar-se espiritualmente”, mesmo porque seus valores eram estimulados pelo capitalismo e pelo poder de consumo. O capital lhe conferia poderes para criar novas formas de comportamento de acordo com o que lhe convinha. Velhos conceitos e normas da boa educação nem sempre lhe rendiam lucros, em um mundo que passa a atribuir ao tempo um valor inquestionável.

Com a Revolução Industrial, a etiqueta social também passou por um processo evolutivo. Em várias regiões do mundo as monarquias foram substituídas pelos regimes republicanos. Em todo o mundo as novas elites ascendentes contribuíram para que surgissem novas regras de comportamento.

No entanto o capitalismo favoreceu maiores desigualdades e as fortunas fabulosas dos novos ricos, empresários e indústrias da nova classe derrubaram os limites do conforto, do refinamento, do luxo, da moda, criando tendências para o consumismo e o estrelismo. O preço tornou-se padrão da Etiqueta da Elite, dentro do aforismo capitalista de que o que é mais caro é melhor “(Estellita, 1999, p. 23).”

5.4 Mudanças na Etiqueta Social

A Etiqueta Social sofre mudanças de acordo com o momento histórico e a cultura de cada país ou comunidade. Essa cultura vem sendo repassada de geração em geração, isso demonstra que é resultado da memória, da herança dos hábitos e costumes e também da agregação de outros valores culturais.

Tendo sua maior transformação no período de fim da monarquia em vários países da Europa com a ascensão da classe burguesa, onde se definiu com clareza divisão das classes sociais em nobreza, clero, ricos, classes médias e pobres. Cada qual com suas regras de comportamento e convivência social entre elas e entre si.

Conforme podemos resumir de uma forma singela a obra de Pierre Bourdieu, intitulada “*Habitus*”, enfatiza os valores patriarcais da família transmitidos de pais para filhos

da classe social em conjunto com as regras do período de vivência, desta forma constituindo um valor ético local de uma determinada comunidade social.

Para Pierre Bourdieu, a maneira como as pessoas se alimentam e se comportam revela sua condição social. O bem “comportar-se” à mesa funciona como um elemento de distinção, já que o que se come não é apenas uma questão associada ao poder aquisitivo, mas ao “capital cultural” e aos costumes que se internalizaram desde a infância.



Exemplo da educação de pai para filho, 7,

Fonte: <http://www.indesignlive.com/articles/projects/project-news/habitus-the-latest-magazine-from-the-indesign-group#axzz1yTMjD0F4>

O conceito *habitus* é estruturado por meio das instituições de socialização dos agentes, sendo a família e a escola, devido serem essas as primeiras categorias e valores que orientam a prática futura dos indivíduos. Ou seja, regras de etiquetas ou manuais de comportamento, são bem mais fáceis de serem seguidos de maneira correta, a partir do momento

em que se integra educação, escola e sociedade. Esse seria o *habitus* primário, mais duradouro mas não congelado no tempo.

Para Norbert Elias, *habitus* é algo como uma segunda natureza, ou melhor, um saber social incorporado durante nossa vida em sociedade. Ele afirma que o destino de uma nação, ao longo do tempo, fica sedimentado no *habitus* de seus membros. É algo que muda constantemente e lentamente proporcionando o equilíbrio entre continuidade e mudança.

A preocupação de Bourdieu ao retomar o conceito de *habitus* era a mesma de Elias, ligar teoricamente indivíduo e sociedade. Não há diferença entre o que Elias e Bourdieu pensam em termos gerais, apenas na maneira de propor a questão. Para Bourdieu, o *habitus* se apresenta como social e individual ao mesmo tempo, e refere-se tanto a um grupo quanto a uma classe e obrigatoriamente ao indivíduo.

A questão fundamental para ele é mostrar a articulação entre as condições de existência do indivíduo e suas formas de ação e percepção, dentro ou fora dos grupos. Dessa maneira, seu conceito de *habitus* é o que articula práticas cotidianas e a conduta dos indivíduos.

À medida que se relaciona com pessoas de outros universos de vida, o indivíduo desenvolve um *habitus* secundário, conforme agrega experiências continuamente. Isso não significa que será uma pessoa tão diferente do que era antes, apenas acresce características individuais, pois se modifica sem perder suas marcas de origem, de seu grupo familiar ou da classe na qual nasceu. Os conceitos e valores dos indivíduos, sua subjetividade, segundo Bourdieu, há uma relação muito intensa com o lugar que ocupam na sociedade. Não há igualdade de posições, pois se vive numa sociedade desigual.



The Railway Station 1862, por William Frith, representação do comportamento social, 8,
Fonte: <http://sputnikvanik.blogspot.com.br/2007/03/comportamento-social-na-inglaterra.html>

Culturalmente falando, a etiqueta possui regras que caminham lado a lado com as mudanças do tempo e mudam de nação para nação. Ou seja, cada nação desenvolvia normas sociais de acordo com o que consideravam ser certo e ou errado.

Vivemos num mundo atualmente, globalizado, que tem exigido das pessoas e principalmente dos profissionais, o uso de regras da etiqueta social, nas vestimentas adequadas que refletem na aparência física, na gentileza, na interação entre os grupos, nas linguagens sociais, escritas, nos gestos e nos tratos com seus superiores hierárquicos no emprego, além de tratar as pessoas mais simples com respeito, independente do que estejam vestindo ou calçando, o importante não é a marca do que se usa mas como usamos e nos pomos.



Senhoras no trato cotidiano no Século XIX, 9,

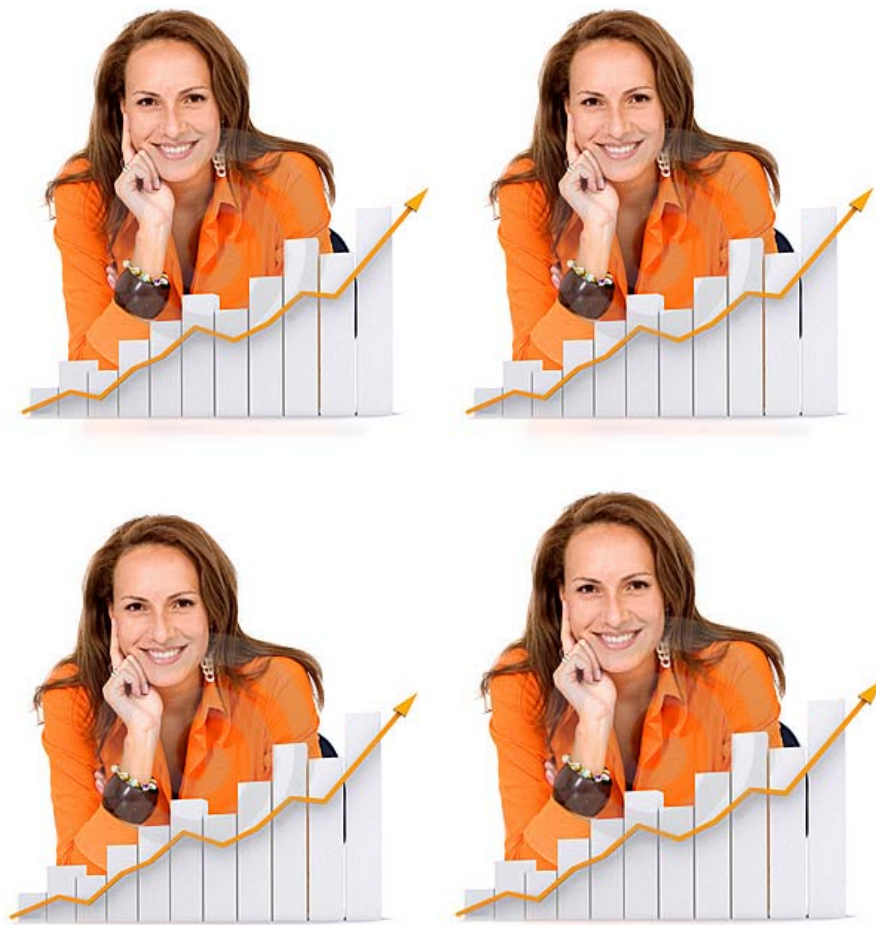
Fonte: <http://sputnikvanik.blogspot.com.br/2007/03/comportamento-social-na-inglaterra.html>

A mulher do passado era designada apenas para cuidar da casa e procriar, portanto a moda era preocupação exclusiva delas já que os homens daquele tempo, tinham o fenômeno da burguesia e da industrialização para se preocuparem, com isso, incorporaram estilos de vida que influenciou na forma do viver e pensar o mundo.

Isso fez com que os homens também mudassem a maneira de enxergar as relações conjugais e hoje em dia, o que era característicos apenas do homem, passou a fazer parte do cotidiano também da mulher e vice e versa, pois a mulher está conhecendo cada dia mais, a emancipação do mercado de trabalho.

Este novo comportamento tem trazido para o homem, a preocupação com a vaidade tratando da aparência, aderindo às cirurgias plásticas, a ornamentação, estética, a culinária, a proximidade com os filhos, enfim, hábitos que estão mudando o estilo machista de ser e cedendo lugar para um ser mais sensível.

Com toda essa mudança, a mulher tem recebido outros valores na sociedade, que a prepara para o mundo acadêmico, para os negócios, viagens e compromissos sociais e profissionais.



5.5 Moda e Comportamento

Para compreendermos os motivos que levaram e levam até a atualidade, as pessoas se vestirem de diferentes formas que a moda permite, é necessário compreender a moda e o comportamento.

As roupas são destinadas a ser usadas no espaço público; nós nos vestimos para os outros, não para nós mesmos. Portanto, a natureza do espaço público influencia a maneira como as pessoas usam roupas da moda, ou fora de moda, para expressar suas identidades e para fazer declarações subversivas (CRANE, 2006, p. 456).

Podemos entender que vestimos de acordo com a nossa personalidade e jeito de ser e que expressamos através do que consumimos. Para entender a moda como comportamento, estuda-se a moda como forma de comunicação.

De Carli diz em seu livro “O sensacional da moda” (2002), que a moda, no sentido moderno do termo e como sistema organizado, tem início na segunda metade do século XIX, impulsionada, por um lado, pela confecção industrial seriada e, por outro, pela alta-costura.

Pelo termo “moda”, entende-se, especificamente “o fenômeno social da mudança cíclica dos costumes e dos hábitos, das escolhas e dos gostos, coletivamente validado e tornado quase obrigatório” (CALANCA, 2008, p. 11). Para Calanca (2008), ainda que a moda esteja envolvida nas diversas esferas da vida coletiva, historicamente, revelou-se mais claramente no contexto do vestuário e no modo de vestir, e é também, onde ela se torna mais espetacular, e onde acontecem com mais frequência às novidades.

Moda é o conjunto atualizável dos modos de visibilidade que os seres humanos assumem em seu vestir com o intuito de gerenciar a aparência, mantendo-a ou alterando-a por meio de seus próprios corpos, dos adornos adicionados a eles e da atitude que integra ambos pela gestualidade, de forma a produzir sentido e assim interagir com o outro (GARCIA; MIRANDA, 2007, p. 22).

Conforme Calanca (2008), os escritores seiscentistas vêm na moda três temas de interesse, primeiro que os fenômenos da moda são concebidos em termos de associações

miméticas elaboradas no âmbito das aparências, associações que mostram os diferentes hábitos sociais da cidade e do povo. Em segundo lugar a moda é considerada como um dispositivo capaz de revelar os lados escondidos da natureza humana. E, por fim, que as formas das roupas são relacionados aos descritos contidos nos manuais de boas maneiras. (CALANCA, 2008, p. 15).

Se as roupas e a moda em geral têm uma missão classificadora do status do indivíduo, no núcleo familiar, na sociedade, isso faz com que a moda seja um dos mais importantes fenômenos sociais e econômicos, além de ser um dos mais seguros padrões para se analisar as características psicológicas, psicanalíticas e socioeconômicas da humanidade.

A moda na sua complexidade, pode ser estudada através da sociedade nas atitudes, hábitos, e principalmente das vestimentas. Individualmente, a moda é expressa através das vestes e hábitos de cada indivíduo. Cada sujeito tem seu estilo de vida, atividades, opiniões pessoais, e faz uso da moda à sua maneira. Enquanto que na sociedade como um todo, a moda é a interação do sujeito com o mundo, podendo revelar através da comunicação que exerce, os lados ocultos da natureza do próprio indivíduo.

De acordo com Pascolato, em entrevista à revista Finíssima, (1999) ela diz que vê a moda como uma forma de entender a vida e consegue ler através da estética de cada pessoa, como ela se comporta e pensa, e com uma rapidez confiante.



Relação de comportamento e moda, 11,

Fonte: <http://confeccaoestuario.blogspot.com.br/2009/10/relacao-de-comportamento-e-moda-no.html>

Fonte: <http://casairis.com.br/?p=3151>

Fonte: <http://www.cliquemoda.com/roupas-social-feminina-2012-para-trabalho-dia-dia/>

6 História da indumentária

6.1 Pré-História

As roupas do homem da pré-história eram feitas de pele de animais e era necessário trabalhar a pele para que ela ficasse viável de ser usada e não prejudicasse os movimentos dos homens que iam à caça. Sua indumentária tinha a finalidade de proteger

Era necessário tentar dar-lhes forma e torná-las maleáveis, uma vez que secas também ficavam muito duras e de difícil trato, assim se deu início o processo de mastigação das peles e a outra era a de sovar a pele após molhá-la, repetidas vezes.

Neste período, as peles que eram colocadas no ombro do homem primitivo impediam-lhe os movimentos. Foi preciso, então, criar adaptações para liberá-los, fazendo surgir a cava e o decote.

No período da pré-história, se tem início a fabricação de tecidos, com o cultivo do linho, mesmo que ainda de forma artesanal e primitiva.

Com o tempo os avanços e aprimoramentos foram surgindo tornando possível à produção de peças como saiotos adornados com franjas, conchas, sementes, pedras coloridas, garras e dentes de animais. E foi a partir das necessidades físicas humanas que as diferentes formas do vestuário evoluíram.



Homem pré-histórico, 12,

Fonte: <http://comunidade.sol.pt/blogs/quarca/default.aspx>

6.2 Antiguidade Oriental

6.2.1 Egito

Ao longo de aproximadamente 3.000 anos a indumentária egípcia permaneceu praticamente sem alterações, e só vamos ver mudanças significativas a partir das invasões de outros povos em seu território, gerando uma influência de novos costumes, destaca-se em especial a influência romana. O traje característico da indumentária egípcia era o Chanti, uma espécie de tanga masculina, e o Kalasiris, uma túnica longa que era usada tanto por homens quanto por mulheres.

De modo geral eram usados bem próximos ao corpo, a cor mais usada era o branco e o tecido mais comum era o linho seguido do algodão. Os egípcios não usavam a fibra animal natural, uma vez que essa era considerada impura e proibida pela religião.



Nefertiti usando Kalasiris e Akhenaton usando o Chanti, 13,

Fonte: http://deedellaterra.blogspot.com.br/2009/11/historia-da-indumentaria-antigo-egito_583.html

Era comum raspar as cabeças evitando piolhos (uma praga local), e usar perucas feitas de cabelo natural ou de fibras vegetais como linho e palmeira. Em relação aos adornos eram comuns brincos, braceletes, colares. Para os mais nobres, o colar peitoral era muito usado, feito com pedras, metais preciosos e contas de vidro coloridas. Nos pés, usavam-se sandálias feitas de palha trançada, embora também fosse hábito andar de pés descalços.



Faraó Tutankhamon e sua rainha usando peruca e diversos adornos, 14,
 Fonte: <http://gloria-ao-egito.blogspot.com.br/2009/09/tutankhamon.html>

O faraó tinha um aparato especial para sua ostentação. Usava barba postiça de cerâmica e raspava os pelos do corpo e o cabelo. Na cabeça usava o Claft, que era um pedaço de tecido amarrado, cujas laterais emolduravam-lhe a face e tinha também o hábito de pintar o contorno dos olhos para lhe dar maior destaque.



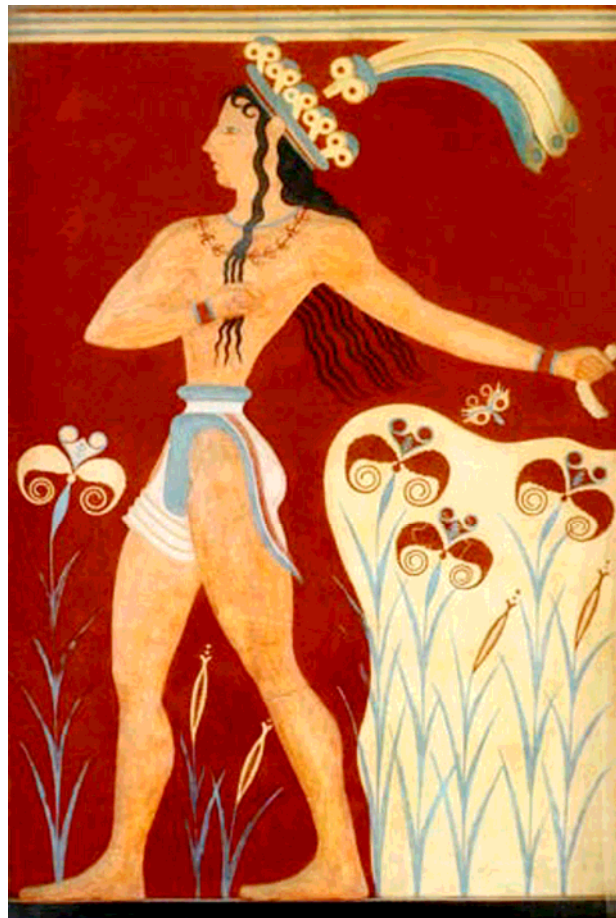
Faraó usando claft e barba de cerâmica, 15,
 Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Pharaoh.svg>

6.3 Antiguidade Clássica

6.3.1 Creta

Era um povo festivo e levavam uma vida alegre. Quase não havia distinção entre as classes sociais. Tanto homens quanto mulheres dedicavam muito do seu tempo aos jogos como: exercícios físicos ao ar livre, pugilismo, luta de gladiadores, corridas, torneios, desfiles e touradas.

A respeito da indumentária cretense, havia uma distinção marcante entre as vestes masculinas e femininas. Os homens usavam simplificadas tangas com cintos e geralmente deixavam o torso nu.



Indumentária masculina. Friso do Palácio de Cnossos, 16,

Fonte: <http://historiadaindumentaria.blogspot.com.br/2010/05/civilizacao-cretense.html>

Já as mulheres apresentavam uma elaboração maior. Usavam longas saias em formato de sino, cheias de babados sobrepostos, uma espécie de avental sobre ela, e na arte superior, um tipo de blusa de manga curta com costura nos ombros que deixava os seios à mostra. Na cabeça ela usava um tipo de chapéu pendurado com um animal, cada animal tinha seu significado (a cobra era símbolo de poder). Acredita-se que os materiais usados eram linho, lã e couro.



Deusa Mãe exemplo indumentária feminina cretense, 17,

Fonte: <http://historiadaindumentaria.blogspot.com.br/2010/05/civilizacao-cretense.html>

Tanto os homens quanto às mulheres tinham o hábito de afunilar a cintura por meio do uso de cintos desde a infância e ambos usavam longos cabelos cacheados. Como adornos, era comum o uso de chapéus e turbantes, e as jóias eram muito ricas (alfinetes, colares, brincos). Para os dias quentes usavam sandálias e no inverno botas.

6.3.2 Grécia

A indumentária grega se destacou pelos seus elaborados e marcantes drapeados. Não havia um caráter erótico ligado às roupas, mas sim uma grande preocupação estética. A peça mais característica de sua indumentária era uma túnica feita com um grande retângulo de tecido. Era colocada no corpo presa sobre os ombros e embaixo dos braços, sendo uma das laterais fechada e a outra aberta, pendendo em cascata. No ombro era preso por broches (Fíbula) e alfinetes e na cintura por cintos e cordões.

O linho era o tecido mais usado, seguido pela lã. Os pés estavam quase sempre descalços, mas quando calçavam, eram as sandálias presas por tiras nos pés e pernas.



Modelos da indumentária Grega, 18,

Fonte: <http://deedellaterra.blogspot.com.br/2011/04/mundo-helenico-roupa-grega-1.html>

Tanto homens quanto mulheres usavam a túnica descrita, sendo que os homens a usavam longa, para momentos mais cerimoniais, e curta para o dia-a-dia. A das mulheres era sempre longa.



Exemplo da indumentária Grega Feminina e masculina , 19 ,
 Fonte: <http://opstonagrecia.blogspot.com.br/2010/09/roupa-grega.html>

A respeito das cores, a túnica era comumente tingida e usada colorida, ao contrário do que muitos pensam. O único lugar em que era obrigatório usar branco era o teatro, que por ser considerado sagrado, exigia um tom de pureza. Com o passar do tempo, esta peça evoluiu de um único retângulo para duas partes costuradas, por vezes com manga. Em complementação a ela os gregos usavam mantos.

Para os homens havia uma capa curta, feita de lã grossa que era a capa militar; e outra, roupa civil, mais ampla e usada em dias frios. O manto das mulheres era bem comprido, chegando aos pés.



Indumentária Grega masculina, 20,
 Fonte: <http://opstonagrecia.blogspot.com.br/2010/09/roupa-grega.html>

6.3.3 Roma

A civilização romana é considerada a mais rica da Antiguidade e, naturalmente, suas vestimentas são elementos que ajudam a reforçar essa condição. Os romanos do sexo masculino vestiam-se com a túnica e por cima dela usavam outra bastante drapeada, e esta foi uma peça que mais caracterizou a indumentária deste povo. A túnica usada por cima era muito volumosa, e quanto mais volume mais nítido era o pertencimento à classe mais alta da sociedade, mais prestígio tinha seu usuário.



Indumentária romana. Luís XIV e sua família retratados como deuses romanos por Jean Noctet, 21,
Fonte: http://pedacinhosdeossos.blogspot.com.br/2009_09_01_archive.html

Geralmente era de lã e em formato de semicírculo. Pessoas menos favorecidas e soldados do exército em geral usavam apenas a túnica simples de baixo.

As mulheres usavam uma túnica longa que muitas vezes era sobreposta por outra, que tinha a principal característica de ter mangas e era um manto em formato retangular.



Indumentária Romana Feminina Cotidiana, 22,
 Fonte <http://blog.educastur.es/egoblog/2010/12/>.

Fonte: <http://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/breve-historia-da-moda/>

Fonte: <http://mdds.imc-ip.pt/pt-PT/servicoeducativo/ImageDetail.aspx?id=638>

Existiam diferentes tipos de túnicas, conforme a função social e a idade de quem as vestiam. Como por exemplo, a separação entre a Viril e a Pueril. A primeira era utilizada pelos homens a partir dos 14 ou 16 anos, de tecido branco, muito simples era usada em ocasiões formais. A Pueril era igualmente branca, porém mais curta.

Outra Toga de sucesso era a brilhante: era passado sobre o tecido um giz branco que a deixava brilhando, usada pelos candidatos a cargos públicos para chamar atenção durante seus discursos.

A indumentária tinha muitas normas e quem infringisse suas regras era punido. Por exemplo um senador romano que não fosse vestido com a toga corretamente ao senado poderia ser preso.

6.4 Idade Média

Alta Idade Média, que decorre do século V ao X e Baixa Idade Média, que se estende do século XI ao XV. As roupas diferenciavam-se mais pelas cores e materiais do que pelas formas. Muitos elementos ligados à indumentária militar, como braçadeiras, couraças e peitorais faziam parte desta roupa.

Características também da indumentária do século XII são as roupas com padrões bicolors, por meio dos quais se podia identificar o feudo do qual a pessoa fazia parte. Cada feudo era representado por símbolos e cores que se encontravam nas roupas dos nobres.



O desenvolvimento das atividades comerciais trouxe novos hábitos, 23,
 fonte: <http://www.brasilecola.com/historiag/crise-mundo-feudal.htm>
 fonte: <http://artetropia.blogspot.com.br/2010/03/roupa-na-idade-media.html>
 Fonte: <http://teiadوسفatos.blogspot.com.br/2012/03/feudalismo-idade-media-na-europa.html>

6.4.1 Povos Bárbaros

O ano de 476 d.C. marcou a queda do império romano do ocidente pelas invasões bárbaras, especialmente pelos germânicos. Este foi o marco para o término da Idade Antiga e início da Idade Média

A indumentária desses povos era confeccionada em sua maior parte de lã, mas também se usava o linho, o cânhamo, o algodão e o couro. Os homens usavam calções curtos, calças longas presas às pernas abaixo dos joelhos por bandas de tecido. Por cima de tudo usavam um manto de couro ou pele de animal, para terem uma proteção maior, preso ao corpo por broches ou alfinetes.



A Festa de Átila", quadro do pintor húngaro Mór Than, baseia-se no fragmento de Prisco, que o representa de branco na parte direita, segurando seu livro de história, 24,

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:MorThanFeastofAttila.jpg>

A indumentária feminina era composta por uma túnica longa presa ao corpo por cintos e broches. Por cima da túnica usavam um xale preso também por broches ou fivelas e por baixo de tudo em geral usavam uma camisa de linho.



Exemplos de indumentárias dos francos ripuários, 25,
Fonte: <http://povosgermanicos.blogspot.com.br/2009/11/francos-riparios.html>
<http://www.laguia2000.com/edad-media/los-francos>

Tanto homens quanto mulheres usavam toucas sobre os longos cabelos, para se protegerem do frio. Nos pés, sapatos fechados ou sandálias atadas por tiras de couro ou cadarço.

Com o passar do tempo, o contato com os romanos e bizantinos, acabou por transformar os hábitos e a indumentária dos bárbaros, que se “romanizaram”, passando a usar adornos e coloridos. A mistura da cultura germânica com a romana formou grande parte da cultura medieval, pois muitos hábitos e aspectos políticos, artísticos e econômicos permaneceram durante toda a Idade Média.

Com o avançar da Idade Média, o vestuário começa a se sofisticar. Surgem as barras de seda nas túnicas, que há muito tempo já eram utilizadas no Oriente, com bordados de fios de ouro, prata e de seda também.

6.4.2 Bizâncio

O apogeu desta cultura se deu no século VI, durante o governo do imperador Justiniano. A indumentária desse povo era luxuosa e ostensiva e tinha uma característica marcante: a grande aproximação entre as roupas dos civis e dos religiosos. A seda foi fabricada localmente, não precisando mais ser importada da China e da Índia, e se configurou como o principal tecido utilizado pelos altos funcionários da corte. Os tecidos mais opulentos e suntuosos eram de uso exclusivo da família imperial que ainda contavam com ricos bordados com fios de ouro e prata, pérolas e pedras preciosas.

Tamanho esplendor era como um reflexo dos trabalhados mosaicos das construções locais. Ainda foram usados a lã, o algodão e o linho.



À esquerda, A Túnica, 26A, Fonte

http://lh6.ggpht.com/_6LPLaB9BYzg/TEMiuQ2tpfI/AAAAAAAAAcQ/7Sbnij3K7ZM/s1600-h/image%5B69%5D.png .

A Direita , Tallaris Dalmática ou Estola, 26B, fonte

http://lh5.ggpht.com/_6LPLaB9BYzg/TEMjKS1ormI/AAAAAAAAdI/Gx12b6Fwd-k/s1600-h/image%5B27%5D.png

A Túnica era um artigo básico do vestuário bizantino. Para as classes inferiores, era a peça de trabalho quotidiano. Para as classes mais altas era peça interna, para um dos vestuários mais ricos da história. Já a dalmática (veste usada pelos padres em cerimônias religiosas), possuía uma forma em T com acabamentos bordados na bainha, abertura frontal do pescoço e mangas. A altura da túnica é regulada por um cinto ou faixa na cintura. Esta peça possuía ampla largura nas laterais, sendo estreita nas mangas e pescoço. as ornamenta-

ções e os medalhões eram feitos com bordados de tapeçaria, metais e incrustações de gemas e pedras preciosas, além das perolas. Para as classes inferiores, era comum as decorações serem feitas com restos ou pequenos pedaços retalhos dos bordados requintados.

As linhas da indumentária traduziam diversas influências, como romanas, árabes e persas e acabou influenciando a indumentária da Europa. Havia uma rica ostentação de cores, usada pelo casal imperial e pelos mais privilegiados materialmente. Os bordados seguiam motivos religiosos, florais e até animais.

Havia uma grande hierarquia traduzida nas vestes: quanto maior o prestígio de quem usava, mais a roupa era requintada e luxuosa. As formas das peças eram amplas, com o objetivo de esconder o corpo e em nenhum momento com apelo sedutor. O traje básico era um manto que, embora muito diferente, tinha bastante influência do corte romano. O comprimento da túnica era maior e as mangas eram compridas até a altura dos punhos. O aspecto oriental era forte e quase não havia diferença para ambos os sexos. Nos ombros eram usados broches ou fivelas ricamente ornamentadas, usadas para fixar a peça. Nos pés usavam sapatos também muito ornados com pedras e pérolas, em geral de seda.



Indumentária dos Nobres Bizantinos, 27,

Fonte: <http://cabidee.blogspot.com.br/2010/05/historia-da-indumentaria-bizancio.html>

O império Romano do Oriente perdura até 1453 quando os turcos otomanos tomam Constantinopla e isso gera o fim da Idade Média.

6.4.3 Europa Feudal

O feudalismo consiste em um conjunto de práticas envolvendo questões de ordem econômica, social e política. Entre os séculos V e X, na Alta Idade Média, a Europa Ocidental sofreu uma série de transformações que possibilitaram o surgimento dessas novas maneiras de se pensar, agir e relacionar. De modo geral, a configuração do mundo feudal está vinculada a duas experiências históricas concomitantes: a crise do Império Romano e as Invasões Bárbaras.



Colheita na Idade Média, 28,

Fonte: http://pt-br.203quimica.wikia.com/wiki/Arquivo:Colheita,_Idade_Media-1-.jpg

Vale destacar que as oficinas criadas por ele foram de suma importância no âmbito da produção cultural e antecederam às dos mosteiros que, após a segmentação territorial

européia, passaram a dominar todo o tipo de produção intelectual, estando totalmente ligadas às questões religiosas cristãs.

Na indumentária, era nítida a diferença em luxo e ostentação em relação ao Império Bizantino. A justificativa poderia ser meramente econômica, visto que a Europa ocidental não estava em plena expansão econômico quanto a Europa Oriental. A grande diferença entre mais e menos favorecidos estava nos tecidos utilizados e ornamentos empregados, uma vez que os cortes eram praticamente os mesmos.

A seda era nobre, mas também eram usados lã e linho. As roupas de momentos mais cerimoniais eram inspiradas em Bizâncio, e os mais afortunados usavam cores variadas. Os camponeses ficavam com as discretas e sóbrias.

A túnica foi muito usada por homens, sendo a dos mais ricos na altura da panturrilha e dos menos ricos na altura dos joelhos e era presa ao corpo por um cinto. Por cima dela usavam uma capa semicircular atada ao ombro por um broche e era forrada de pele para dias frios.

Usavam os calções por baixo das túnicas que eram amarrados por tiras de tecido na perna, quando compridos. Ainda estavam presentes capas com capuzes e placas metálicas cobrindo túnicas para dar proteção nas batalhas.



Indumentária Masculina na Europa Feudal, 29,
Fonte: <http://professoraclara.com/set/feudalis.php> Gilberto Cotrim

Já as mulheres usavam túnicas com ou sem mangas vestidas pela cabeça, presas ao ombro por broches e atadas à cintura por um cinto. Sobre os ombros usavam um lenço, e também usavam um manto longo que podia chegar ao comprimento da própria túnica.



Indumentária Feminina na Europa Feudal, 30,

Fonte: <http://cabidee.blogspot.com.br/2010/05/historia-da-indumentaria-europa-feudal.html>

bém foram adotados e era comum raspar as sobrancelhas e os cabelos da testa para imitar as esculturas clássicas.



1445 -1450 Isabel de Portugal pintura de Rogier Van der Weyden, 32,
Fonte: http://plataformasuperior.com/imagens_1000/reis/penteados-rainha.htm

Um aspecto interessante foi um início de diferenciação da indumentária de homens e mulheres: as masculinas encurtaram e as femininas permaneceram compridas, tocando o chão.



Vários modelos da indumentária gótica, 33,
Fonte: <http://queijofiambre.blogspot.com.br/2011/03/moda-na-idade-media.html>

Os homens usavam meias, coloridas, às vezes, uma perna diferente da outra. Usavam calções longos, e o encurtamento da túnica deu origem ao Gibão. Com o tempo os calções foram encurtando deixando as pernas cobertas pelas meias que ficaram bastante aparentes. Os sapatos de bico pontudo ficaram comuns e quanto maior o grau de nobreza, maior o bico. Neste período a aristocracia fabricava suas roupas em alfaiates.



Indumentária da Nobreza Gótica, 34,

Fonte: queijoeffiambre.blogspot.com.br/2011/03/moda-na-idade-media.html

Fortalecimento do poder real em períodos de guerra surgiu à necessidade de centralização do poder, até então disperso entre vários senhores feudais. No final da Idade Média, o poder real se encontrava fortalecido e a nobreza feudal entrou em declínio. Essa situação favoreceu a ascensão da burguesia.

Foi neste momento de final da Idade Média e início do Renascimento que surgiu o fenômeno Moda. Os nobres, especialmente da corte de Borgonha (hoje, França) começaram a mudar com frequência, as linhas de seus trajes para fugirem da imitação dos burgueses. Neste momento se instituiu um ciclo de criação e cópia e a cada vez que a roupas dos nobres eram copiadas, surgiam idéias diferenciadas que eram colocadas em prática, fazen-

do surgir à moda como diferenciador social de sexos, valorizando as individualidades, porém mudando a cada época do ano.



Joana D`Arc que teve que cortar qualquer vaidade, 35,
Fonte: <http://www.brewiarz.katolik.pl/czytelnia/swieci/05-30c.php3>

A donzela de Orleans, movida por inspiração divina e plena de uma extraordinária coragem, tinha ajudado a criar um Estado nacional, pagando por isso com o sacrifício da própria vida.

6.5 - Idade Moderna

6.5.1 Renascimento

O Renascimento compreende o intervalo do século XIII ao Século XVII. Este período, Renascimento ou Renascença, deslocou o foco para uma valorização da humanidade e seu talento, bem como dos valores humanistas greco-romanos, quando artistas filósofos buscaram referências da Grécia e Roma antigas. Este é o cenário de surgimento da Idade Moderna, na Itália, mais especificamente em Florença e posteriormente pensamento difundido para toda a Europa.

No Renascimento, o ser humano passou a ser o grande foco das preocupações da vida e do imaginário dos artistas.

A indumentária mudou bastante, tornando-se mais requintada. As cidades italianas de Gênova, Veneza, Florença, Milão passaram a fabricar tecidos de alta qualidade, como veludos, brocados, cetins e sedas.

As cortes européias, já bem estabelecidas, trouxeram cada uma suas peculiaridades no modo de vestir-se e de adornar-se, embora ainda assim houvesse certa similaridade pela influência que uma exercia na outra. Esse processo de influência exercido pelas cortes começou com as da Itália, mas tiveram seqüência com as alemãs, francesas, espanholas e inglesas.



Exemplo da indumentária masculina renascentista, 36,
fonte: [://cabidee.blogspot.com.br/2010/05/historia-da-indumentaria-renascimento.html](http://cabidee.blogspot.com.br/2010/05/historia-da-indumentaria-renascimento.html)

Na indumentária masculina, bastante colorida, chamativa e mais expansiva do que a feminina, o que caracterizou o período foi o Gibão, que traduzido para os dias de hoje, seria o nosso paletó. Era usualmente acolchoado, com ou sem mangas. Essas mangas eram presas por cordões que eram escondidos por um detalhe almofadado. Sobre o Gibão usavam ainda uma espécie de túnica aberta na frente e confeccionada com bastante e ornamentado tecido. Na parte inferior, usavam um calção com bastante volume.



Braguette masculina evidencia órgão reprodutor masculino, 37,

Fonte: <http://cabidee.blogspot.com.br/2010/05/historia-da-indumentaria-renascimento.html>

Um detalhe interessante usado pelos homens era a Braguette, ou Codpiece em inglês, que era um detalhe usado sobre o órgão sexual, que era usado para chamar a atenção das pessoas e também ajudava a unir uma perna à outra. Embora houvesse essa utilidade,

este adorno possuía forte efeito erótico, evidenciando toda a masculinidade e virilidade daquele que o trajava.

Nas pernas ainda usavam meias, coloridas, muitas vezes com uma perna diferente da outra, como já se via na Idade Média. Estas cores e/ou listras representavam o pertencimento a determinado clã, funcionando com uma espécie de brasão. Nos pés, deixaram de lado os sapatos de bicos pontudos e passaram a usar os de bico achatado e largo. Existiu neste período uma associação dos efeitos de arredondamento vistos na indumentária, com aqueles manifestados na arquitetura. Esta se caracterizou não mais por pontas e bicos, mas sim por arcos.



Influência renascentista na arquitetura de arcos, 38,
Fonte: <http://pakitosos.zip.net/>

Inicialmente este período deixou revelar profundos decotes que, no entanto, com o tempo foram sendo velados. Passou-se, então, a ser usado, tanto por homens quanto por mulheres, certo efeito de acabamento no pescoço, um tipo de gola chamada Rufo. Os rufos eram confeccionados com um tecido fino engomado, geralmente branco e às vezes de renda, formando uma enorme roda em torno do pescoço, atingindo proporções inimagináveis

com o passar do tempo. Este acessório estava ligado a um alto status social, uma vez que chegava a impedir os movimentos de quem a usasse.



Indumentária masculina, exemplo de Rufo, 39,
Fonte: <http://helpcomhistoriadamoda.blogspot.com.br/>



Indumentária feminina, exemplo Rufo, 40,
Fonte: <http://clock51.com/2012/02/20/renascimento-e-sua-indumentaria/>

Uma moda muito difundida neste período e que veio da Alemanha foi o Landsknecht. Era um efeito de talhadas nos tecidos, produzindo cortes na camada superior e deixando aparecer o de baixo. Embora para ambos os sexos, foram comumente, usado por homens.



Indumentária masculina, exemplo de Landsknecht, 41,

Fonte: <http://saia-justa-georgia.blogspot.com.br/2009/01/roupas-do-renascimento.html>

As formas, foram ficando arredondadas, perdem a verticalidade gótica, expandindo-se lateralmente, buscando horizontalidade.

Para as mulheres foi comum o uso do vestido vertugado. Este era rígido na parte superior e da cintura para baixo se abria em formato de cone, sem efeito de movimento, mais rijo ainda, impedindo os livres movimentos.

As mangas, muitas vezes, eram longas e largas e quase tocavam o chão. Nesta composição ainda entravam os Landsknecht e o Rufo. Os cabelos eram usados parecidos com os do período anterior, com adornos rendados, pérolas, tranças enroladas e o hábito de raspar os cabelos do alto da testa, já visto no final da Idade Média, permaneceu.



Indumentária feminina, exemplo de Landsknecht, 42,
Fonte: www.marquise.de

Embora a moda feminina ser bastante colorida, como a masculina, chegava da Espanha, em meados do século XVI, tanto para homens quanto para mulheres, o hábito de usar a roupa toda preta. Este país sempre manteve certo rigor em sua indumentária, pela tradição cultural e religiosa, e com sua ascensão econômica, passou a influenciar outros países.



Exemplo da indumentária vertugado, 43,
Fonte: www.marquise.de

Com o passar do tempo, mas ainda no Renascimento, o vertugado deixou de ser usado para dar lugar ao farthingale. Este vestido cresceu bastante nas laterais dos quadris, sustentadas por armações de arames, barbatanas de baleia ou madeira.



Indumentária masculina na Espanha, 44,
Fonte: www.marquise.de

Ainda podemos dar destaque ao Corpete, Corselete e Espartilho, peças muito importantes para a história da moda e que vai aparecer em diversos períodos históricos. Estas roupas eram muito apertadas na cintura e contribuía para encaminhar o olhar para o órgão sexual feminino. Já era usado com o vertugado, mas com o *farthingale*, gerava maior atração do olhar, pelo acentuado volume dos quadris. Para sabermos um pouco mais sobre estas peças vamos conhecer a história do Espartilho:

O Espartilho ou Corselete é uma peça do vestuário feminino que dispõe de barbatanas metálicas e amarração nas costas. O objetivo era reduzir a cintura e manter o tronco ereto, controlando as formas naturais do corpo e conferindo a ele mais elegância e tinha como objetivo manter a postura e dar suporte aos seios.



Corset sobrevivente feito em metal, 45,
 Fonte: <http://www.sogrande.com.br/espartilho-plus-size>

Somente por volta do século XIX graças à invenção dos ilhóses e o uso de barbata-nas de baleia que a atenção foi voltada para a cintura e teve início a era das cinturas minúsculas, conhecida como era Vitoriana.

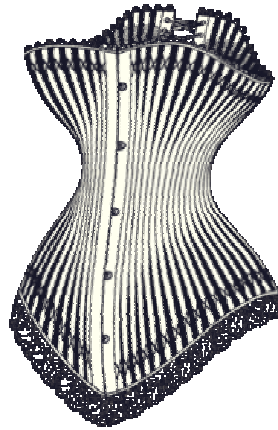
Em 1904, a palavra *soutien-gorge* (sutiã) entrou no dicionário francês. E em 1913, Mary Phelps Jacob inventou o sutiã, vendendo a patente para a Warner Company. No ano seguinte, 1914, com o início da Primeira Guerra Mundial, a mulher teve de trabalhar nas fábricas. Isso fez com ela precisasse de uma *lingerie* que lhe permitisse movimentação. Por isso, o espartilho foi substituído pela cinta

No início dos anos 80 alguns estilistas trouxeram de volta à moda peças que antes tinham sido relegadas ao fetiche e dentre elas estava o Espartilho. Esse retorno não durou muito, em 1990 apenas poucos espartilhos apareciam em coleções de estilistas famosos.

Ele apareceu na história da moda no século XVI, sempre foi usado como suporte e controle para modelagem perfeita do corpo. Um corpete usado como roupa de baixo que hoje chamamos de espartilho ou *Corset*, nome dado ao espartilho em inglês, tinha de ser bem rígido, era o principal atributo do *Corset* como redução mínima da cintura, e o busto erguido e pressionado.

Nenhuma outra época exaltou tanto a beleza feminina como o Renascimento, um período de sensualidade e erotismo. Durante o século XV, a atenção estava toda voltada para os seios. Após o Renascimento o vestuário tornou-se mais rígido, assim como a épo-

ca. Apareceu o corpete pespontado, que dava ao busto o aspecto de um cone, esse corpete era armado com uma haste; uma lâmina sólida feita de madeira, marfim, madrepérola, prata ou osso de peru, para os menos abastados; encaixada no próprio tecido.



Corset em tecido, 46,

Fonte: <http://www.sogrande.com.br/espartilho-plus-size>

Com o tempo, as mulheres passaram a usar saias longas e fartas. Somente a cintura era apertada, enquanto o resto podia fluir e criar volume. Até a Idade Média, os seios eram sustentados por corseletes. Com o tempo, essa peça tornou-se mais rígida e pesada, até o surgimento do espartilho propriamente dito. Ao contrario do que se podem pensar, os primeiros espartilhos não deviam ser de todo desconfortáveis. No século XVIII, as formas naturais começavam a ser valorizadas novamente. Nos anos 1920, com a silhueta reta de “*garçonne*”, os espartilhos ficaram cada vez mais raros. Do século XVI para cá os espartilhos mudaram bastante.

No início eram feitos com tecidos pesadamente engomados, hoje usados em tapeçaria e reforçados com junco e cordas engomadas. Atualmente temos peças muito mais leves, feitas com barbatanas ortopédicas. No século XVIII, o uso de barbatanas, de baleia, deixou as hastes mais flexíveis e os espartilhos menos rígidos. Já no final do século, a haste central foi substituída por várias barbatanas. O novo espartilho comprimia os seios por baixo e deixava-os mais evidentes sob os decotes.

A Revolução Francesa sacudiu a sociedade européia. As roupas voltaram a ser mais simples e práticas, levando a moda a outras camadas sociais. Pela primeira vez em séculos, as mulheres deixaram de usar suas crinolinas, uma armação feita de arcos de aço para moldar a forma das saias, e seus espartilhos. A moda era das transparências, e os seios eram

sustentados por um corpinho de tecido. A idéia de que o corpo deveria ficar firme era muito forte e, com isso, os espartilhos voltaram a ser usados. Vários modelos surgiram, acompanhando a moda do momento. Um desses modelos foi o corpete “à la Ninon”, que trouxe de volta as barbatanas, mas era cortado bem curto, na altura da cintura.

No século XIX, que compreende o período de (1804 a 1820), o Espartilho parece mais um instrumento de tortura. É a moda dos seios separados, possível graças a um sistema de barbatanas inventado por um espartilheiro da época. A partir de 1815 os decotes ficaram mais profundos e a cintura, que era embaixo dos seios, voltou ao lugar normal, o que significava silhuetas finas e exigia espartilhos ainda mais terríveis.



Corset em tecido, 47,

Fonte: <http://www.sogrande.com.br/espartilho-plus-size>

Em 1823, foi apresentado pela primeira vez um modelo mecânico, com polias, que podia ser atado e desatado sem a ajuda de outra pessoa. Em 1828, só existiam duas marcas registradas de espartilhos, mas em 1848 elas já somavam 64.

Em 1832, o suíço Jean Werly abriu uma fábrica de espartilhos sem costuras, que já saíam do tear com barbatanas, hastes e armações prontas. Com o início da industrialização, foi possível fabricar modelos mais baratos.

Em 1840, foram usados cordões elásticos, o que facilitou que as mulheres se vestissem e se despiassem sozinhas. A partir dessa época, as mulheres superaram os homens na fabricação dos espartilhos, que começaram a ser moldados com antecedência e em série,

iniciando assim a confecção. Até 1870, a mulher permaneceu comprimida, mas, a partir daí, a crinolina foi substituída pela *"tournure"* (uma espécie de almofada), que deixava a mulher com o perfil de um ganso, em forma de S, com os seios projetados para frente, e os quadris, para trás.



Vários modelos de *Corset* em tecido, 48,
 Fonte: <http://www.sogrande.com.br/espartilho-plus-size>

Nessa época, existiam muitos modelos de espartilho à disposição, para todas as ocasiões. Além disso, a invenção das barbatanas em aço inoxidável acabou com a luta das mulheres contra a ferrugem. No final do século XIX, veremos que os espartilhos eram tão apertados que as mulheres não conseguiam mais se abaixar, além de possuírem um sistema complicado de ligas e prendedores de meias.

Na Exposição do Trabalho de 1885, foram apresentados os seios artificiais, adaptáveis ao corpete, que podiam ser inflados. Em 1900, outro modelo terrível, cheio de enfeites, possuía um mecanismo metálico que incomodava as virilhas, obrigando as mulheres a se curvar. Os seios, novamente, eram projetados para frente, o que caracterizava ainda mais a forma de S. Na década de 80, os corpetes com barbatanas, que realçam o corpo, voltaram a ser apreciados. Dos anos 90 até os dias de hoje, a *lingerie*, assim como a moda, não segue apenas um único estilo.

Modelagens retrô, como os *caleçons*, convivem com as calcinhas estilo cueca. Os suítes desestruturados dividem as mesmas prateleiras com os modelos de bojo. Tecidos naturais, como o algodão, são vendidos nas mesmas lojas de departamento que os modelos com tecidos tecnológicos.

No Brasil o Espartilho voltou a ter destaque na moda em 2004 quando uma jovem estilista conhecida como Madame Sher lançou a primeira grife especializada em espartilhos para redução de cintura. Existem vários tipos de espartilhos para todos os gostos, seja para usar debaixo de alguma roupa, seja para usá-lo sozinho apenas. Também pode ser usado como um apelo sexual.

Ainda para as mulheres no do século XIX, o Rufo evolui e se transforma na gola Médici, ainda branca e de renda, formava uma espécie de resplendor contornando a parte de trás da cabeça. A grande diferença era que agora a roda já não era completa, tinha uma abertura frontal que permitia o uso destacado de decotes. Neste momento vemos a indumentária feminina ganhar relação com a sedução, somando-se o uso do corpete com o do decote.



Indumentária feminina, Gola Médici, Corpete e Farthingale, 49,
Fonte: www.marquise.de

6.5.2 Barroco

O período Barroco compreende o século XVII. Este período foi marcado pela evolução do processo de antropocentrismo que já vinha ocorrendo no Renascimento do século anterior culminado com a Revolução Científica.



Rufo exagerado, 50,
Fonte: www.marquise.de

Barroco, uma palavra portuguesa que significava “pérola irregular, com altos e baixos”, entende-se por um estilo com uma orientação artística que surgiu em Roma na virada para o século XVII. O novo estilo estava comprometido com a emoção genuína, buscava retratar a emoção humana e era muito expressivo, com importantes efeitos de luz e sombra nas pinturas.

As cortes européias continuaram cada uma com suas características particulares, variando de país para país, embora o que tenha marcado esta época tenha sido o excesso visual.

A Espanha continuou a usar o austero preto, influenciando também a Holanda. O Rufo manteve-se, ficando ainda mais exagerado e as mulheres continuaram a usar o vertugado.

As rendas foram muito usadas em golas e punhos para ambos os sexos. De modo geral o Rufo ficou de lado, pois evoluiu para o Cabeção, que era uma gola de renda engomada levemente inclinada para cima na parte de trás, como que apoiasse a cabeça nesta base.

Esta gola, como o passar do tempo evolui novamente e vira a Gola Caída, que era completamente apoiada sobre os ombros, para ambos os sexos.



Gola Cabeção, evolução do Rufo, 51,
Fonte: www.marquise.de



Gola Caída e Rufo, 52,
Fonte: www.marquise.de



Indumentária feminina no estilo gola caída, 53,
Fonte: www.marquise.de



Indumentária feminina variação do estilo gola caída. 54,
Fonte: www.marquise.de

As mulheres passaram a usar uma sobreposição de anáguas por baixo de uma saia mais arredondada. Usavam uma camisa curta e outra por cima, muito decotada e indo até o cotovelo. O corpete era comum, deixando as cinturas finas e os tecidos, assim como nos homens, eram luxuosos e caros. Predominavam o vermelho-escarlata, vermelho-cereja, azul-escuro, mas também se via os claros, como: rosa, azul-céu, amarelo pálido.



Indumentária masculina (mosqueteiros), 55,
Fonte: www.marquise.de

Para as mulheres, o penteado era feito propositalmente com ar de despenteado, preso por fitas. No entanto com o tempo fica mais rico, adornado com rendas, toucas e estruturado por arames para armar o volume desejado.

Para os homens o Gibão (peça de couro curtido que vai do pescoço à cintura) cresceu. Passou a ser moda o uso de botas adornadas por rendas. Nas cabeças masculinas ainda eram freqüentes os chapéus, variando um pouco de corte para corte, mas comumente presentes.

Um pequeno bigode deixava seu singelo registro de masculinidade, em meio a tanto adornos típicos hoje do universo feminino. Foi o período dos Mosqueteiros na França e dos Cavaleiros da Inglaterra.



Luis XIV, Rei Sol, 56,
Fonte: www.marquise.de

Foi na época da corte de Luís XIV, o Rei Sol. Sob seu reinado, por volta de 1660, Versalhes se impôs sobre o restante da Europa, ditando novos padrões de comportamento, de boas maneiras, etiquetas, modos e de moda. No reinado de Luís XIV, a França chega ao seu apogeu. Mas o que se assiste, logo em seguida, é a decadência da nobreza francesa devido à política centralizadora do rei. As mudanças e inovações dessa época eram totalmente determinadas pela casa real.

Há uma valorização das formas femininas que ressalta os quadris e acentua a cintura. Em meados do século, os cabelos longos viraram moda para os homens, no entanto como muitos não os tinham compridos naturais, passaram a usar perucas. Esse se tornou um grande ícone da moda masculina do período.



Perucas Masculinas, 57,
Fonte: www.marquise.de

Neste momento os homens começam a vestir-se com mais destaque do que as mulheres. Por conta de uma influência vinda do Oriente, surgiu uma espécie de túnica longa, que foi encurtando com o tempo. Todas as peças eram em tecidos sofisticados, como veludos e brocados. No final do século surge para os homens um lenço de renda usado no pescoço, uma espécie de gravata.



Corte de Luis XIV, 58,
Fonte: www.marquise.de

Um complemento muito curioso de uso feminino, foi as mouches de beauté (moscas de beleza), que vigoraram na segunda metade do século XVII. Tinham o aspecto de pintas; eram feitas de seda preta com desenhos inusitados que continham um material colante por trás para serem aplicadas sobre a face. Com relação aos motivos, podiam ser os mais variados possíveis, como meias-luas, estrelas e corações. O efeito obtido era de charme e servia para acentuar a expressão facial.

Havia as grandes moscas com motivo de sóis, pombas, carruagens e cupidos. Foi a pura essência dos excessos do Barroco (BRAGA, 2007, p. 50).

6.5.3 Rococó

O Renascimento Cultural deu o pontapé para o surgimento da Revolução Científica no século XVII, e esta funcionou como base e meio para o surgimento do Iluminismo no século XVIII, no período conhecido como Rococó. Este período foi tido como o apogeu da modernidade.

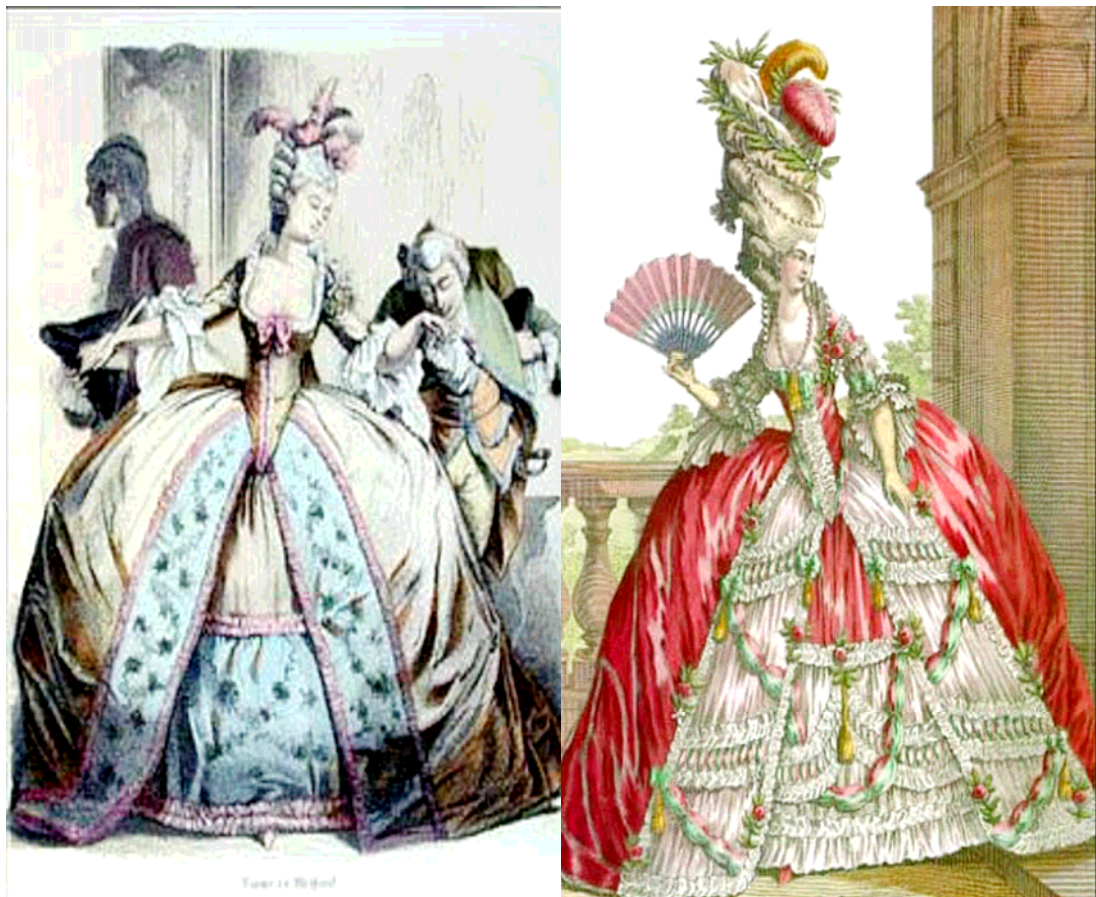
A indumentária foi diretamente influenciada pelas novas linhas da arte e esteve associada à figura do rei Luís XV. O uso da renda manteve-se tanto para homens quanto para mulheres.

As perucas continuaram a ser usadas por eles, mas agora eram empoadas com pó branco; tinham um rabo-de-cavalo preso por um laço de fita de seda preta e eram feitas de crina de bode ou de cavalo e de fibras vegetais. Foi usado também por eles um chapéu tricórnio preto (chapéu de três pontas).



Indumentária masculina no Rococó, 59,
Fonte: www.marquise.de

Para as mulheres foram usadas muitas flores, nas roupas e nos cabelos, tanto naturais quanto artificiais. Os corpetes se ajustavam muito ao busto e cintura. Os vestidos tinham um corpete decotado quadrado, com mangas até os cotovelos, sendo finalizadas por babados, rendas e laços de fita, com saias muito volumosas, cônicas. Dividiam-se entre os Vestidos Abertos e os Vestidos Fechados. Tinha o nome de “aberto” porque a saia tinha um recorte na parte da frente, deixando aparecer a de baixo, muito ornamentada. O fechado, como o próprio nome sugere, tinha a saia sem a abertura. Na parte lateral dos quadris havia um grande volume, obtido por espécie de cestinhos em geral feitos de vime, chamados de Paniers. Na parte das costas, os vestidos muitas vezes tinham pregas largas, que iam dos ombros até o chão, denominadas de Pregas a Watteau.



Vestido abertos no estilo Rococó , 60,

Fonte: <http://brisacaic12.blogspot.com.br/2010/08/idade-moderna-e-epoca-que-vai-do-seculo.html>. Acesso em: 26/05/2012

Tanto para mulheres quanto para homens, os tecidos eram a seda e grossos brocados com inspiração na natureza. Os homens vestiam neste período o calção, camisa, coletes

bordados, casacas também bordadas, meias, brancas e sapatos de salto. Houve pouca mudança em relação ao reinado de Luís XIV.



Vestido fechado



Vestimenta masculina



Penteados de Maria Antonieta

Diversos modelos de indumentárias e penteados da Época do Rococó, 61,
 fonte: www.marquise.de

Maria Antonieta, foi uma figura muito importante para a moda, pois ela foi a grande difusora da moda copiada por grandes estilistas, na época do Renascimento. Além disso, é importante dizer que, além da moda ter seu berço na França, foi lá também que se firmou as regras de etiqueta. Tendo uma necessidade de mudanças constates de vestuários luxuosos e ostentados, fazendo com que todos a imitassem, com renovações constantes em busca do exclusivo.



Pele clara da Maria Antonieta, à esquerda, 62A, fonte www.ladyreading.net ; Porte de Maria Antonieta, à direita, 62B, fonte www.webshot.com.

De acordo com Weber (2006) desde a Era de Luis XIV, os adornos eram considerados símbolos importantes e indispensáveis do traje real francês. Fitas, bordados, metais preciosos, gemas eram reconhecidos pelos súditos Bourbon, como “efeitos de poder”. Maria Antonieta, sempre soube utilizar estes artifícios, muito bem, pois desde a compra de seu enxoval de casamento, sua mãe gastou cerca de 400 mil *livres* em roupas, jóias e demais acessórios, como num leque de marfim (substância óssea dura), entalhado, incrustado de gemas e decorado com alegres cenas rococó .

Maria Antonieta nunca escondera sua paixão por jóias. Apesar de trazê-las consigo de Viena, ao chegar à corte francesa, o rei Luis XV a presenteou com uma série de peças antigas da família real pertencentes à antiga Delfina.

Em 1774, Luís XVI sobe ao trono e Maria Antonieta torna-se rainha da França e um ícone feminino de excessos do período.



Casamento de Maria Antonieta com o rei Luís XV, à esquerda, 63A, fonte: www.spotimages.free.fr/MA/fr ; Maria Antonieta na caça com o rei ao fundo , 63B, fonte: FRASER, 2001. p.323.

A única maneira que encontrou para fortalecer sua posição foi impor o respeito como soberana absoluta, foi através de seu vestuário. “Podia-se argumentar plausivelmente que um dos deveres da rainha da França, centro do mundo da moda e com fortes motivos comerciais para assim permanecer, seria cuidar para que a moda florescesse, liderando-a” (FRASER, 2001, p.171). Segundo Ziegler (2008), sua atitude foi considerada inédita, pois, somente as amantes reais tinham o costume de vestir-se tão luxuosamente. As rainhas vestiam-se de maneira muito amável e modesta.



Retrato de Luis XVI, 64,
Fonte: GOETZ, 2005. p 39 ;



Maria Antonieta, com roupas luxuosas, 65,
Fonte: www.ladyreading.net

O delfim veio três anos após Maria Teresa, Luis José nasceu em 1781. Ao dar a luz a um menino, Maria Antonieta conquista a todos os seus súditos. O herdeiro na sucessão ao trono estava garantido. Com muita coragem em quebrar regras e costumes da realeza, se negou a ter seus dois últimos filhos colocados na frente de um grande número de pessoas na hora do parto. Exigiu que apenas as pessoas necessárias para o momento a acompanhas-

sem. Devido às doenças da época, somente a filha mais velha e o filho caçula sobreviveram (ZIEGLER, 2008).



Maria Antonieta e seus filhos, 66,
Fonte: FRASER, 2001. p.84

O povo já não agüentava mais, seus gastos estupendos com jóias, roupas e reformas, conquistando assim, a raiva de todos, e levada assim à guilhotina.



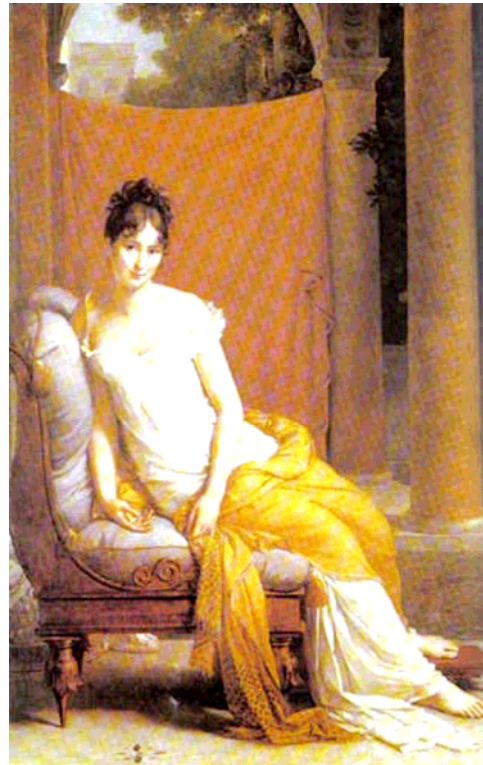
Maria Antonieta sendo levada para a guilhotina, 67,
Fonte: WEBER, 2006. p. 160

6.6 Século XIX

6.6.1 Império

Por conta dos privilégios do clero e dos nobres franceses, fez com que o restante da população se rebelasse e começasse um processo revolucionário. A Revolução Francesa deu origem a um processo contínuo de pequenas mudanças sociais que gerou a transição para outro momento histórico a Idade Contemporânea. A França passou a ser governada por um sistema monárquico imperial, de 1804 a 1815, comandado por Napoleão Bonaparte.

A identidade da moda Império culmina durante o reinado de Napoleão, mas, no entanto, o processo de mudanças se iniciou antes. A partir de 1790 a palavra de ordem era conforto, com roupas mais práticas e confortáveis.



Indumentária Masculina no Império, à esquerda, 68A ;
Indumentária feminina no Império, à direita, 68B, fonte: www.marquise.de

Houve uma mudança drástica na forma de se vestir e o gosto pela natureza e as influências da vida no campo inglesas estiveram presentes também. A mulher também simplificou seu modo de vestir, usando um vestido simples, como a uma camisola solta, com decote acentuado, de cor branca, em tecidos vaporosos e transparências como mousseline ou cambraia. Um traço característico desse vestido era o recorte de cintura alta, logo abaixo dos seios.

Estas linhas para homens e mulheres foram as que prevaleceram no período do Império. Vale destacar as influências greco-romanas que estiveram destacadamente presentes: os cabelos intencionalmente despenteados (Cabelos à Ventania) e a forte lembrança das vestimentas gregas femininas.



Indumentária masculina e feminina Influência greco-romana, 69,
Fonte: www.marquise.de

As mulheres usavam longas luvas para se protegerem, quando os vestidos eram de mangas curtas. A questão do frio era realmente um problema nesses vestidos de leves tecidos e profundos decotes que deixavam o colo todo em evidência (quadrados ou em V). Assim, entra em moda um acessório que vai ser usado em todo o século XIX, o xale. Inicialmente importado da Índia (Caxemira) e posteriormente fabricado na própria França.



Detalhe de luvas e xale , 70,
Fonte: www.marquise.de

Napoleão, fez algumas proibições que afetaram diretamente a moda. Em parte por problemas políticos que enfrentava com a Inglaterra e por outro lado com intenção de desenvolver a indústria têxtil francesa, proibiu a importação de mousseline da Inglaterra. Buscava com isso fomentar a produção especialmente da seda de Lyon. Também proibiu as damas de sua corte de repetirem em público o uso de seus vestidos. Sua intenção era gerar um maior consumo têxtil e também fortalecer a França como divulgadora de moda, uma vez que a vestimenta masculina era toda influenciada pelos ingleses.

6.6.2 Romantismo

O período do Romantismo correspondeu aproximadamente de 1820 a 1840. Antes dele, contamos com o período de Restauração (1815-1820), de pouca identidade na moda feminina, que foi uma espécie de transição do Império para o Romântico. Os vestidos começaram a ficar mais ornamentados, com saias sutilmente cônicas, decotes mais altos, mangas compridas e justas nos punhos, porém bufantes nos ombros.

A moda masculina, no entanto, estava bem aquecida, em plena transformação já desde o período do Império. Surge, na Inglaterra, nesse momento de restauração, um estilo denominado de Dandismo, que foi mais do que uma moda, avançando para um modo de ser, um estilo de vida. Este movimento surgiu pelas mãos de George Brummel e teve seus dias mais gloriosos, efetivamente entre 1800 e 1830.

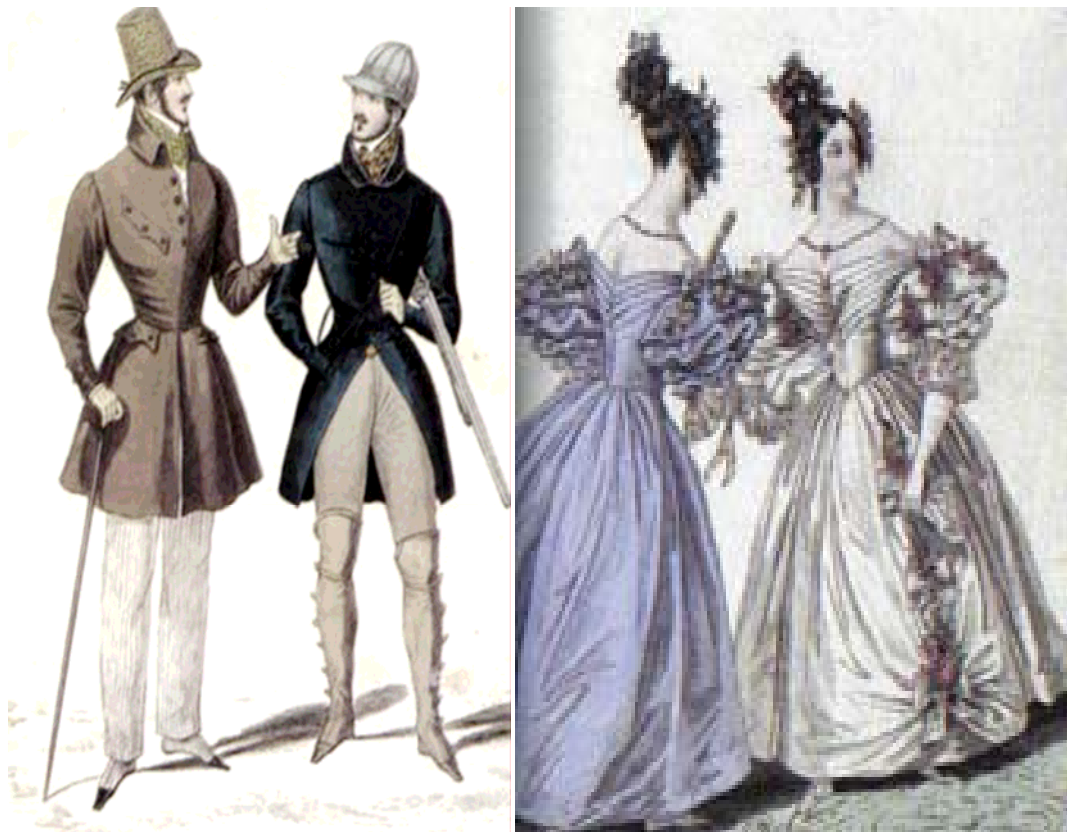


Estilo Dandy , 71,
Fonte: www.marquise.de

O modo de ser Dandy impôs-se e ditou regras. Propunha sobriedade e distinção e foi referência para toda a moda masculina do século XIX. As roupas eram justas e não podiam ter nenhuma ruga. Usavam casaco, colete, calção ou calça comprida, camisas com altas golas e pescoços adornados com o Plastron, um lenço usado com sofisticados nós e que deixavam a cabeça erguida, gerando certo ar arrogante, típico Dandy. Os homens ainda contavam com um acessório que ficou marcado com ícone de elegância, status e poder social, a cartola, que foi usada durante todo o século XIX.

O período romântico, propriamente dito, defendeu as emoções libertas e colocou fim ao racionalismo típico do Iluminismo. Este ideal iluminista, em um momento em que a Revolução Industrial estava a pleno vapor, estava transformando os homens em máquina e fez despertar o saudosismo. A proposta era um ser humano espontâneo e emocional. Houve toda uma influência no processo criativo das artes, arquitetura, música, literatura e, naturalmente na moda.

Para os homens o estilo Dandy permaneceu quase inalterado. Foi comum para eles, a partir de 1830 e até a Primeira Guerra Mundial, o uso de barbas. Neste momento os homens estavam ocupados com o trabalho e coube às mulheres a exibição dos poderes materiais da burguesia.



Exemplos de indumentária de estilo Dandy, masculina à direita e feminina à esquerda, 72,
Fonte: www.marquise.de

Elas buscaram inspiração no passado e resgataram os valores tradicionais. Os tecidos listrados e florais foram comuns e as cores mais usadas eram tanto as coloridas, quanto à cor preta. A cintura volta para seu lugar e novamente passa a ser marcada pelo corpete. As saias são usadas com anáguas e adquirem volume cônico.

Os decotes aparecem novamente para as noites em especial. Eram em forma de canoa, bem acentuados, criando o aspecto de ombros caídos. O xale manteve-se e podia ser feito de renda, usado sobre os ombros, cobrindo o decote e as mangas, para os vestidos que as tinham.

Jóias como relicários, pulseiras, broches, laços babados, fitas e flores eram muito usadas. Nas cabeças usavam cachos caídos sobre a face, sofisticados penteados, chapéus de palha ou cetim, do tipo boneca amarrados sobre o queixo. Os sapatos tinham salto baixo e o leque era indispensável.



Detalhes do Xale e Chapéu Boneca, 73,
Fonte: www.marquise.de

6.6.3 Era Vitoriana

O início da segunda metade do século XIX foi marcado por Napoleão III (França) e pela rainha Vitória (Inglaterra). A burguesia estava com grande prestígio graças ao processo da Revolução Industrial que estava caminhando bem e permitindo o trabalho com negócios e comércio e a acumulação de capital dentro da sociedade de consumo vigente.

O reinado da rainha Vitória é marcado pela instalação moral e puritanismo, ela era uma figura solene. Esta época é tida como o apogeu das atitudes vitorianas, período pudico com um código moral estrito. Isto dura, aproximadamente, até 1890, quando o espirituoso estilo de vida “festeiro e expansivo” do príncipe de Gales, Edward, ecoava na sociedade da época.

Em 1861 morre o príncipe Albert e a rainha mergulha em profunda tristeza, não tirando o luto até o fim de sua vida (1902). A morte do príncipe Albert marca o início da segunda fase da era vitoriana. As roupas e as mulheres começam a mudar, os decotes sobem e as cores escurecem. A moda vitoriana, do luto extremo, e elaborado vestiu de preto, britânicos e americanos por bastante tempo e contribuiu para tornar esta cor mais aceita e digna para as mulheres. Mesmo as crianças usavam o preto por um ano após a morte de uma pessoa próxima.

Uma viúva mantinha o luto por dois anos, podendo optar, como a rainha Vitória, por usá-lo permanentemente.



Crinolina , 74,
Fonte: www.marquise.de

A Era Vitoriana, que durou aproximadamente de 1850 a 1890, foi uma época próspera e os reflexos na moda foram evidentes. A exagerada Crinolina representou todo o aspecto de esplendor e prestígio da sociedade capitalista. Tratava-se de uma espécie de gaiola, uma armação de aros de metal usada sob a saia e que permitia que esta obtivesse um enorme volume cônico e circular.

O ideal de beleza do início da era vitoriana exigia às mulheres uma constituição pequena e esguia, olhos grandes e escuros, boca pequenina, ombros caídos e cabelos cacheados. As mulheres tinham que parecer bastante frágeis, tímidas, inocentes e sensíveis. A fraqueza e a inaniade eram consideradas qualidades desejáveis em uma mulher, pois seus homens se sentiam atraídos quando elas desmaiavam e também pela cor pálida de suas peles. “Saúde de ferro” e vigor eram características vulgares das classes baixas, reservadas às criadas e operárias.

Os vestidos femininos eram dotados de profundos decotes que deixavam o colo em evidência. Ombros e braços também ficavam aparentes e os tecidos eram muito luxuosos como a seda, o tafetá, o brocado, a crepe, a mousseline, entre outros.



Indumentária feminina , segundo período Vitoriano, 75,
Fonte: www.marquise.de

Período de surgimento da Alta Costura, que veio acompanhada do início do processo de valorização do criador de moda, permitindo a almejada diferenciação da alta classe pari-

siense. O marco foi 1850, graças a Charles Frederick Worth e vale destacar que este processo teve estreita relação com a Revolução Industrial e com o prestígio financeiro de sua burguesia industrial. Ele foi um costureiro inglês que passou a ditar moda em Paris fazendo com que as mulheres o procurassem; foi uma revolução na moda. De acordo com Embacher, (1999, p.41) Worth “cria o primeiro conceito de grife”.

Enquanto a moda feminina estava cada vez mais enfeitada, a roupa masculina tornou-se uma roupa de trabalho, reflexo da sociedade produtiva da época. Para ele, a sobriedade imperava e deixava transparecer um contraste visual marcante entre homens e mulheres, fossem nas cores, nos volumes, nos tecidos ou ornamentos. Assim, ficou evidente que o homem transferiu por completo para sua esposa a conotação de exibição financeira: ela passou a representar a riqueza de seu homem, deixando claro seu papel de esposa e mãe.



Indumentária Masculina , 76,
Fonte: www.marquise.de

Com o passar do tempo, há uma evolução da Crinolina, que deixa de ser completamente circular para concentrar seu volume da parte de trás, se tornando uma gaiola reta da frente.



Evolução da Crinolina, 77,
Fonte: www.marquise.de

Mais para o final da Era Vitoriana, por volta de 1870/1890, a evolução continua e o volume passa a ser apenas uma espécie de almofadinha na parte traseira das saias: surge a Anquinha. Os tecidos para os vestidos passaram a ser os de decoração, usados em estofados e cortinas. Os espartilhos eram indispensáveis e os detalhes cresciam cada vez mais, com o uso das rendas em especial e também de laços e babados. Usavam leques, sapatos de salto alto, sombrinhas, caudas nos vestidos e pequenos chapéus para o dia. O uso das an-

quinhas servia para evidenciar o traseiro da mulher, mesmo porque, seu intuito era parecer mais apetitosa para seus maridos. As mulheres eram fotografadas de costas porque os franceses gostavam dos orifícios.



Final do período Vitoriano , 78,
Fonte: www.marquise.de

6.6.4 La Belle Époque

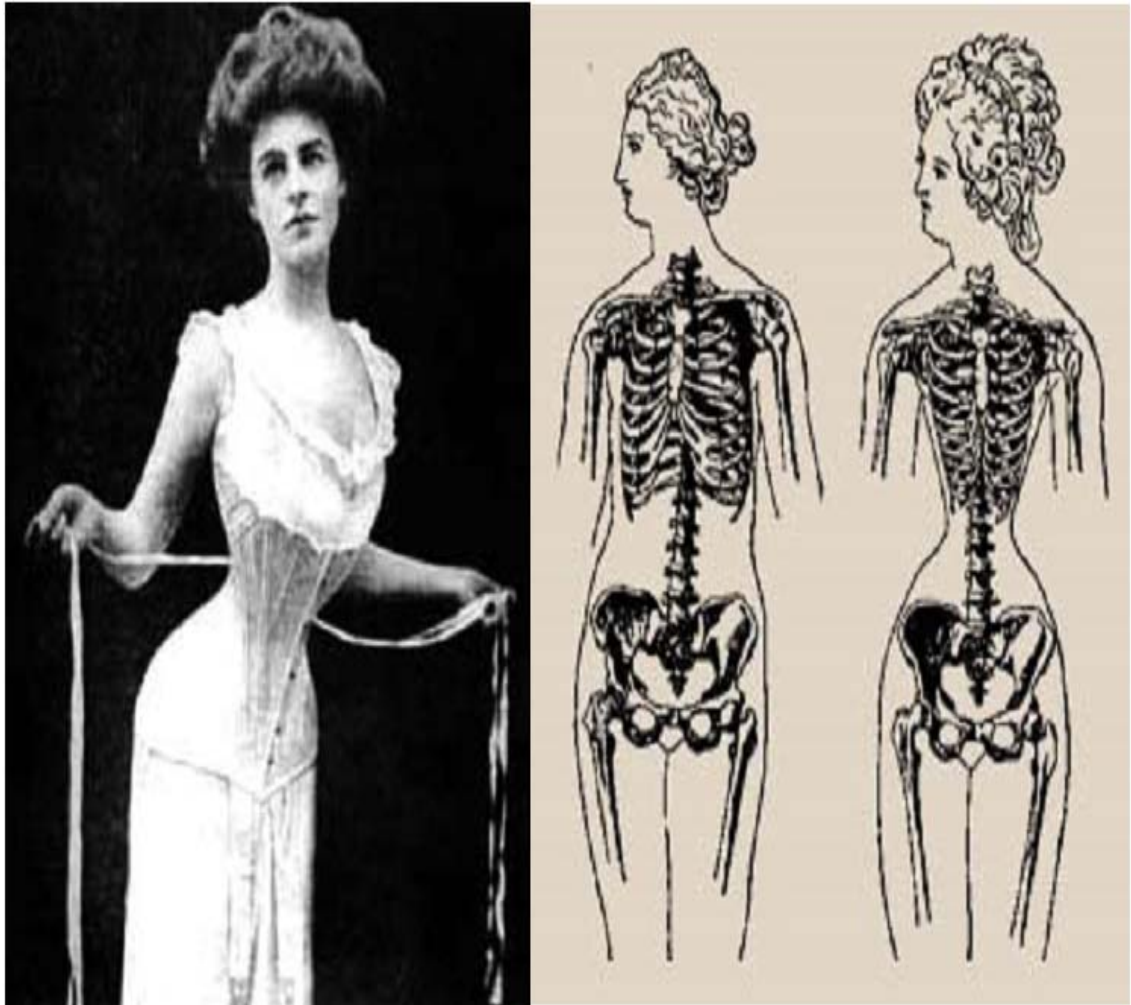
A La Belle Époque, ou Bela Época, representou o período de 1890 até 1914, tendo como marco de seu fim a Primeira Guerra Mundial. Nesta fase a referência passou a ser a natureza, com suas linhas curvas e formas orgânicas. O estilo foi batizado de Art Nouveau e representou grande singularidade no período.



Art Nouveau , 79,
Fonte: www.marquise.de

Como sempre se viu acontecer, a novidade teve seus reflexos na área da moda e a mulher vai incorporar todos os novos detalhes curvos.

A cintura feminina se tornou mais fina e atingiu a menor circunferência já vista em toda a história.



À esquerda a cintura de vespa e a esquerda a remoção das costelas flutuantes para se obter o padrão de cintura da época, 80, fonte: www.marquise.de

O ideal de beleza do período apontava para uma cintura muito fina de apenas 40cm e para atingir tal objetivo, algumas mulheres chegavam a remover suas costelas flutuantes para que conseguissem afinar ainda mais a cintura com o auxílio do espartilho. Assim, o que teve início ainda na Era Vitoriana, se acentuou na Belle Époque, período que foi caracterizado pela cintura ampulheta das mulheres, seus ombros eram volumosos, cintura muito fina e volume também nos quadris.

A indumentária feminina marcou uma demasiada cobertura corporal, quando apenas o rosto e as mãos se deixavam aparecer, quando ela não estivesse de luvas. As golas eram muito altas e cobriam o pescoço e os detalhes como laços, babados, fitas e rendas estavam em alta.



Mulheres do início do período, 81,
 Fonte: www.marquise.de

Com o passar do tempo e o aproximar do século XX, as anquinhas desapareceram. O que se viu foi uma saia em formato de sino, bastante apertada quase impedindo o caminhar das mulheres. Usavam chapéus com flores, sobre os coques fofos e a bota era indispensável.



A perda da anquinha: entra a saia de sino, 82,
 Fonte: www.marquise.de

Ainda no final da Era Vitoriana o hábito de práticas esportivas, em especial da equitação, mas também o tênis, a peteca, o arco e flecha entraram em voga e se consagraram na Belle Époque. Este hábito ligado ao esporte trouxe para o guarda roupa, feminino, a veste de duas peças, com ar masculino. A assimilação foi grande e em breve o Tailleur (casaco e saia do mesmo tecido) foi adotado para o dia-a-dia das cidades.



Tailleur feminino, 83,
Fonte: www.marquise.de

O banho de mar também se tornou um hábito. A roupa para tal atividade ainda não tinha nenhuma relação com as de hoje, uma vez que eram de malha, em geral de fios de lã, cobriam o tronco e atingiam a altura dos joelhos. Ainda faziam parte da composição: meias e sapatos, e muitas vezes uma capa por cima de tudo com intuito de proteção.



Roupa de banho , 84,
Fonte: www.marquise.de

Pela primeira vez na história, a moda infantil começa a deixar de ser cópia da roupa dos adultos. Por influência dos banhos de mar, surge a moda marinheiro que ao longo de todo o século XX, vai ser relida. Worth continua sendo um nome de destaque na Alta Costura, mas entram novos no cenário, como Jacques Doucet e John Redfern.

Para o homem, as linhas do período anterior permanecem, mantendo a proposta de praticidade e funcionalidade. O traje masculino era composto de sobrecasaca e cartola, mas o terno era facilmente visto. A bengala era portada com muita elegância exibindo altivez, assim como o relógio de bolso que representava um instrumento hierárquico. As calças masculinas eram retas e com vinco na frente, os cabelos eram curtos e o uso do bigode era bastante popular na época.



Vestuário masculino , 85,
Fonte: www.marquise.de

6.7 - Idade Contemporânea: Século XX

Maria Antonieta contemporânea, dois séculos após sua morte, Maria Antonieta continua viva no mundo da moda, influenciando estilistas, designers e demais artistas. Conhecer estes trabalhos permite desenvolver algo novo, que fuja das características óbvias conhecidas nestas coleções.

John Galliano foi o estilista que mais explorou os elementos usados pela rainha, em suas coleções de alta costura para a marca Christian Dior. Pela sua grande contribuição ao mundo da moda, ela traz características da marca como feminilidade, exuberância e luxo. Na coleção de 2000, para Dior, Galliano confeccionou o vestido Maria Antonieta, com o corte inspirado nas roupas do século XVIII, além de um grande decote, laços e fitas, babados com anáguas e armação. Trouxe também, dois distintos retratos no vestido da rainha, uma com trajes pastorais e outra com trajes para sua morte, de branco. Este vestido exprime a forma elegante da rainha, do glamour à tragédia



Coleção Alta Costura da Dior 2000 , 86,
Fonte: WEBER, 2006. p.160 (WEBER, 2006).

6.7.1 Década 1910

A partir do século XX o estudo da história da moda passa a se dar por décadas, uma forma didática e também necessária, por conta da aceleração do processo de mudanças que se evidenciou nas linhas da moda.

Os anos de 1914 a 1918 foram marcados pelo conflito da Primeira Guerra Mundial. Os tempos mudaram. A presença do homem na guerra fez com que as mulheres de diversas classes sociais passassem a atuar em diversos setores antes masculinos: “(...) da área de saúde aos transportes e da agricultura à indústria, inclusive a bélica. Foi o começo da emancipação feminina, uma necessidade durante a guerra e, depois dela, um hábito” (BRAGA, 2007, p.70).

A moda sofreu uma série de transformações neste período. O francês Paul Poiret, foi o responsável pela grande mudança no vestuário feminino: o fim dos espartilhos, enfim os corpos estavam libertos dos amortizantes apertos na cintura. A necessidade de mudança estava latente e Poiret a captou e deixou seu nome marcado na história da moda.



Representação dos espartilhos , 87,
Fonte: autor

O mundo passava por uma transição radical. Os países estavam cada vez mais industrializados. Os artistas viviam o auge do movimento modernista, criando obras que escandalizavam a população. Paris era o centro do mundo cultural. A moda foi se transformando com a sociedade. As pessoas queriam ficar mais ao ar livre, então as roupas iam se tornando menos ornamentais. De estação para estação, só se mexiam nas guarnições. Isso durou até os anos 1900, quando surgiram os primeiros estilistas profissionais que ditaram moda e revolucionaram a silhueta. As roupas agora tinham assinaturas e os designers viraram pop stars.

Desde o Renascimento, as mulheres vestiam a mesma silhueta: cintura apertada com espartilho e saias longas e bufantes. Foi Paul Poiret, o primeiro estilista do mundo, que desenhou roupas que elas podiam vestir sem ajuda.

Em 1909, os trajes usados pelo balé russo de *Diaghilev*, grande sucesso em Paris, inspiraram estilistas como Paul Poiret, que revolucionou a moda, suprimindo a forma de S e trazendo uma linha mais leve e natural. Nessa época, as mulheres começaram a exigir novos modelos, que correspondessem melhor aos seus anseios.

O Seu modo de vida havia mudado e uma classe média de mulheres que trabalhavam começou a surgir, além da popularização da prática de esportes. A mulher continuou a usar o espartilho, porém ele já estava menor e mais flexível, permitindo movimentos mais livres e postura reta.

Curiosamente, esse estilo mais natural fez surgir, em 1908, um espartilho longo que descia até os joelhos, impedindo a mulher de sentar-se. A morte do espartilho está intimamente ligada à Primeira Guerra Mundial. Com os homens ocupados, lutando na frente de batalha, as mulheres foram convocadas a assumir os trabalhos nos campos, nas cidades e nas fábricas.

O trabalho operário exigia espartilhos menores, mais confortáveis e simples. Além disso, a burguesia não contava mais com grande criadagem, o que fez com que as damas optassem por modelos de corpetes mais simples e fáceis de vestir.

Paul Poiret 1908 e propôs uma mudança radical na silhueta feminina. Criou a Linha Diretório, a saia caía reta até cinco ou seis centímetros do chão e colocava a cintura debaixo do busto. Depois, lançou os vestidos fourreau, ou o vestido-saco. Era o fim do espartilho.



Criação de Poiret , 88,

Fonte: <http://www.comunidade moda.com.br/historia-da-moda-king-of-fashion-paul-poiret>

Abrindo sua própria maison em 1903, Poiret projetou seu nome com um modelo de casaco kimono muito controverso, mas em 1909 ele já havia conseguido fama. Iniciou-se a onda oriental na moda, com cores fortes, drapeados suaves, saias afuniladas e botões, sendo os enfeites, favoritos da época. Poiret pregava uma forma mais solta e fluída para o vestuário.

Uma de suas maiores inovações no mundo da moda foi seu desenvolvimento da técnica de moulage ou draping, uma radical inovação em um mundo dominado pelo método de modelagem da alfaiataria. Esta técnica permitiu a Poiret criar suas peças com formas retas e alongadas, mas ainda assim fluidas.



Criação de Poiret, técnica de moulage ou draping, 89,

Fonte: <http://vistase.wordpress.com/2007/11/03/paul-poiret-e-a-belle-epoque/>

Outra de suas mais famosas criações é a “calça sherazade”, que nada mais é do que a calça saruel de hoje. Foi inspirada no balé russo que estava fazendo muito sucesso na Europa.



A calça criada por Paul Poiret, Saia afunilada estilo Saruel, 90, Fonte: <http://www.modanapassarela.com.br/wp-content/uploads/2012/03/Cal%C3%A7a-Poiret.jpg>

Poiret também ficou muito conhecido pela criação da Saia Afunilada. Esta tinha o formato muito próximo às pernas e era muito apertada, permitindo apenas paços pequenos. Era usada pelas mulheres com uma espécie de tira que prendia uma perna à outra para limitar o tamanho das passadas.



Tira usada com saia afunilada, 91, Fonte: <http://modanapassarela.com.br/2012/03/a-historia-das-calças-femininas/>

As criações de Poiret sempre estavam preenchidas por cores vibrantes, um grande diferencial em relação ao lugar comum da época, e sua assinatura, era a rosa, a qual aparecia periodicamente em suas roupas.



Vestido azul estampado com rosas, marca registrada de Poiret, 92,
 Fonte: http://xicaradenostalgia.blogspot.com.br/2010_07_01_archive.html

Outra mudança associada à praticidade do período foi o encurtamento das saias e vestidos, que subiram até a altura das canelas. Os sapatos apareceram e as pernas igualmente, mas em geral estas eram cobertas por meias finas.

Chegando em meados da década, outro nome se destacou, Gabrielle Coco Chanel, com seus tailleurs de jérsei. Feitos com esse tecido, de malha, agora eram dotados de toque macio, sedoso, e elasticidade. Chanel seguiu seu caminho de criadora e consolidou-se se tornando a estilista mais importante de todo o século XX.

A moda masculina não mais sofria as alterações visíveis de outrora, era quase um uniforme: calça comprida, paletó, colete e gravata.



(c) www.marquise.de
Tailleur feminino , 93,
Fonte: www.marquise.de



Tailleur feminino , 94,
Fonte: www.marquise.de

Ainda nos anos 10 a androginia aparece, com os curtos cortes de cabelo e com a mulher sendo cada vez mais independente, fumando em público e dirigindo carros. Esses novos hábitos e novas silhuetas são o que vai permanecer nos anos 20 e se transformarem em sua maior característica.

6.7.2 Década de 1920

Esta década foi denominada de “Anos Loucos”, em função do caráter revolucionário do período e da grande inovação vivenciada. Na moda, as propostas surgidas no final dos anos 10, foram confirmadas e consolidadas.



Representação da indumentária feminina início dos anos 20 , 95,
Fonte: <http://www.dashuniformes.com.br/blog/inspire-se-nos-anos-20/>

Linhas funcionais, práticas e simples traduzidas na silhueta tubular e na androginia para as mulheres. A cintura estava deslocada para baixo, chegando à altura dos quadris, os seios eram achatados com o auxílio de faixas e a cintura não mais parecia em curva.



Mulheres dos anos 20, 96,
Fonte: www.marquise.de

A emancipação feminina já vista nos anos 10, continuou e a dança se tornou um hábito forte que teve influência direta na moda.

Os vestidos e saias encurtaram ainda mais para poderem dar conta dos ritmos do Charleston, do Foxtrot e do Jazz, chegando à altura dos joelhos. Isso foi de fato uma grande revolução, visto que em toda a história, com exceção da Pré-História em trajes primitivos de tangas, a mulher nunca havia deixado suas pernas descobertas. A novidade do encurtamento das saias fez fortalecerem o uso das meias de seda, que eram claras para gerar o efeito de “cor de pele”.

Um interessante fenômeno ocorrido ao longo dos anos 20 foi o de a roupa deixar, ao menos de forma tão evidente, de manifestar diferenciações sociais. Este aspecto de representação social sempre foi mostrado através da roupa e neste período ele não foi evidente. Isto se deu por conta de o novo estilo feminino ter sido aceito por mulheres de todas as classes sociais. Assim, o que marcava a diferença era basicamente o preço das roupas e a qualidade delas. Inclusive a Alta Costura foi bastante simplificada, favorecendo o funcionalismo e a liberdade de movimentos.

A maquiagem ficou bastante acentuada com o uso do pó-de-arroz, do batom vermelho nos lábios em forma de coração e da acentuação dos cílios. Os cabelos foram os *à la garçonne* (à maneira dos meninos), que eram muito curtos e contribuía para complementar a aparência andrógina. A cabeça era complementada pelo uso do chapéu Cloche, em

formato de sino com pequenas abas. Este chapéu foi muito usado e acabou por se firmar como outra das grandes características da época.



Maquiagem e chapéu Cloche , 97,
Fonte: www.marquise.de

Como roupa de baixo, as mulheres usavam uma combinação e mais para o final da década surge o soutien (uma versão mais próxima da que temos hoje).

As roupas de banho encurtaram deixando boa parte da coxa aparecer. Passaram a serem feitas de malha grossa e ganhou decoração geométrica, característica da década.



Roupa de banho, 98,
Fonte: www.marquise.de

Foi a década da estilista Coco Chanel, traduzindo o traje masculino para o feminino com muito sucesso, sem que se perdesse a feminilidade.

Cria trajes tricotados e o tão aclamado “pretinho básico”. Vem com sua nova moda de blazers, capas, cardigans, cortes retos, colares compridos, boinas e cabelos curtos. Outro nome importante foi o de Jean Patou, estilista francês, que criou a moda sportswear.



Roupa masculina , 99,
Fonte: www.marquise.de

Para os homens o aspecto de suas roupas permaneceu o mesmo, no entanto algumas novidades apareceram. O Smoking passou a ser usado em ocasiões mais formais, surgiu o tecido Príncipe de Gales, os sapatos bicolores. O colete entrou em de uso e o chapéu da moda era o coco, eternizado no cinema na cabeça de Charles Chaplin.

No final da década surgiram as franjas e em alguns momentos uma assimetria vista nos comprimentos das saias uma diferença entre a parte da frente e a parte de trás. A década termina com uma crise gerada pela queda da bolsa de valores de Nova Iorque. De um dia para o outro, os investidores perderam tudo, afetando toda a economia dos Estados Unidos, e, conseqüentemente, do resto do mundo. Os anos seguintes ficaram conhecidos como a Grande Depressão, marcados por falências, desemprego e muito desespero.

O surgimento do que hoje chamamos de “pretinho básico,” data de 1926, ano em que a revista “Vogue” publicou uma ilustração do vestido criado por Chanel - o primeiro entre

vários que a estilista iria criar ao longo de sua carreira. Antes dos anos 20, as jovens não podiam usar preto e as senhoras o vestiam apenas no período de luto.

O pretinho tornou-se realmente famoso nos anos 60 e início dos 70. Chique, usado por Jacqueline Kennedy, elegante e feminino, no corpo de Audrey Hepburn, no filme “Bonnie e Clyde”, de 1961, cujo figurino foi criado pelo estilista francês Hubert Givenchy, e descontraído, feito de crochê, na pele da atriz Jane Birkin, em 1969.



Audrey vestindo o pretinho básico , 100,
Fonte: www.marquise.de

Após a moda psicodélica da década de 70, a cor voltou para disputar poder com os homens, nos anos 80. Preocupadas com o sucesso profissional, as mulheres precisavam de uma roupa simples e elegante, que fosse a todos os lugares. Mais uma vez, o vestido preto se tornou a melhor opção.

Nos anos 90 ele continuou sendo uma peça básica do guarda-roupa feminino, feito com os mais diversos tecidos, do modelo mais simples ao mais sofisticado, usado em todas as ocasiões e em todos os horários. Por tudo isso o vestido preto se tornou o grande clássico do guarda-roupa feminino, aquele que garante as duas características básicas ao mesmo tempo, simplicidade e elegância.

6.7.3 Década de 1930

Na década de 30 temos declaradamente a força do cinema que é quem vai mover, hábitos, comportamentos, atitudes e moda, onde os ícones são as divas do cinema: Greta Garbo, Marlene Dietrick, e Mal West, entre outras.

Estas atrizes consolidam o estatuto do comportamento liberal, se igualando ao homem usando calça comprida. Atores e atrizes eram liberais, fortes, independentes, com cabelos louros platinados e ondulados, sobrancelhas fininhas e quadradas com lábios bem maquiados. O cigarro era sinônimo de charme e elegância. Surge o glamour, que era exclusividade do cinema.



Jean Harlow , vestido longo com cauda, 102,
Fonte: www.marquise.de

A moda dos anos 30 deixou para trás todo o ideal andrógino dos anos 20. Esta década redescobriu os contornos do corpo da mulher através de uma elegância refinada. Assim como o corpo feminino voltou a ser valorizado, os seios também voltaram a ter forma. A mulher então recorreu ao sutiã e a um tipo de cinta ou espartilho flexível. As formas eram marcadas, porém naturais.

Para o dia eram usados vestidos na altura da panturrilha e para a noite os longos. Acompanhados de boleros, casacos ou capas. Nos dias frios eram usados mantos e peles. A cintura volta ao seu lugar, porém sem ser marcada de forma exagerada, era apenas acentuada. Mas a grande vedete desta década, foi as enormes aberturas nas costas, que chegavam até a cintura. Mesmo com o mundo em crise a elegância esteve presente.



Roupas femininas do anos 30's, 103 ,
Fonte: www.marquise.de

Os vestidos mais utilizados foram os de corte godê e evasê, permitindo certo ar romântico perdido nos anos 20. A grande novidade introduzida por Madeleine Vionnet neste período foi o corte em viés, conseguindo evidenciar as formas femininas com muita sensualidade.

Com a popularização da prática esportiva, surgiram alguns modelos novos de roupas, uma vez que a moda dos anos 30 descobriu os esportes como tênis, patinação e ciclismo e ainda os banhos de sol. O short surgiu a partir do uso da bicicleta e também apareceram os óculos escuros, muito usados pelos astros do cinema.



A vida ao ar livre, uso short feminino, 104,
Fonte: www.marquise.de

O ideal de beleza neste período apontou para o corpo bronzeado, em decorrência de uma vida ao ar livre, e para sobrancelhas e pálpebras marcadas com lápis e pó de arroz bem claro. As mulheres deixam crescer um pouco o cabelo em relação à década anterior, e foi moda fazer ondulações nele. Muitos chapéus foram usados, os de longas abas e os pequeninos, usados no alto da cabeça, caindo sobre a testa.



Os diversos tipos de chapéus, 105,
Fonte: www.marquise.de

Apesar da fibra natural não ter sido abandonada, surgem os tecidos sintéticos. O grande destaque e muito utilizado nos anos 30 foi o cetim, contribuindo para marcar a silhueta, com toque sedoso e brilho.

Para os homens, a formalidade manteve-se e as pequenas variações consistiam em largura de calças, dos paletós e dos colarinhos. Como complemento surge o chapéu palheira.



Roupa Masculina, 106,
Fonte: www.marquise.de

A estilista Chanel continuava com grande destaque na alta costura; Madeleine Vionnet surge com sua moulage; Madame Grés abusava dos drapeados; Jeanne Lanvin teve seu espaço e Nina Ricci impôs-se com um estilo clássico e sofisticado.

No entanto, Cristóbal Balenciaga, ao mudar-se para Paris em meados dos anos 30, começou a aparecer com destaque. Estava ainda em início de carreira, mas já mostrava seu grande talento. Balenciaga tem seu grande sucesso nos anos 50 e se consagra como um dos nomes de prestígio do século XX.

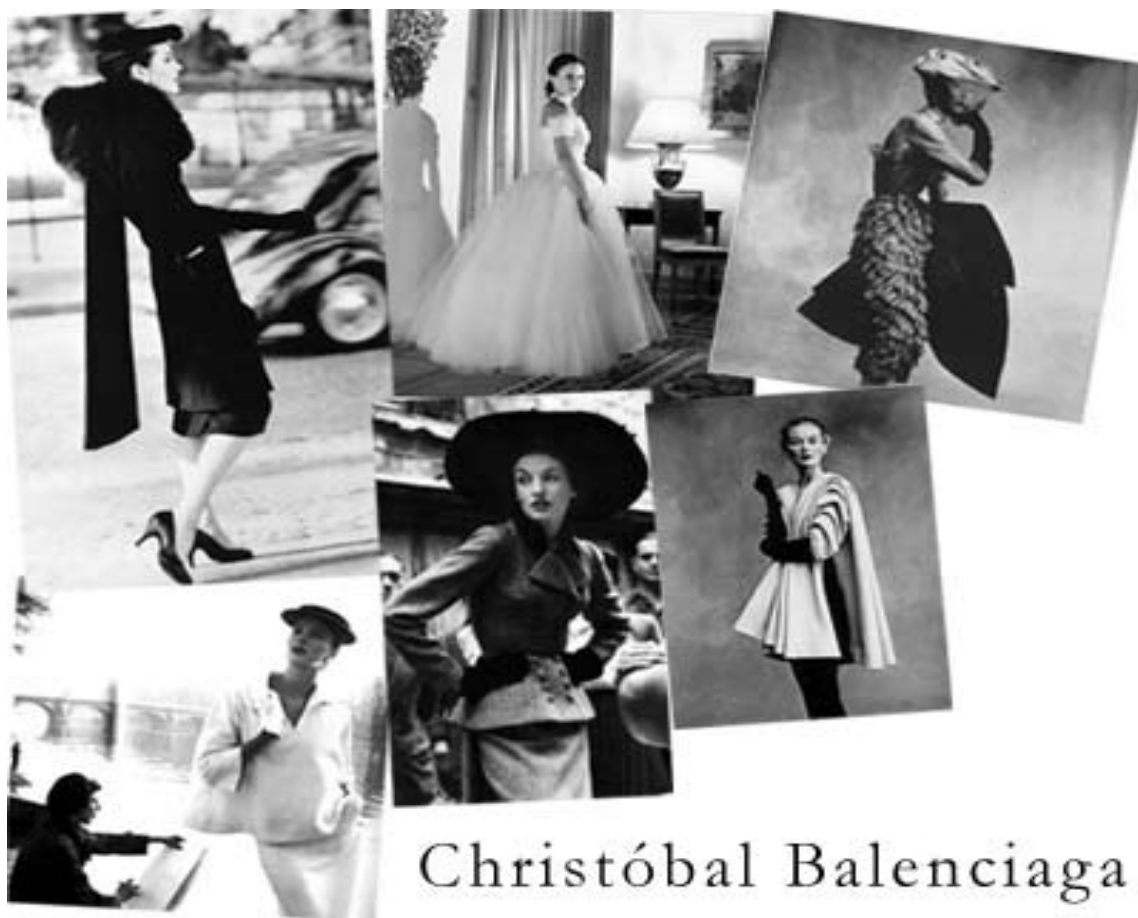
O termo prêt-à-porter ainda não era usado, mas os passos para o seu surgimento já estavam sendo dados. Surgiram as primeiras Boutiques (significava “já pronto”) com o início dos produtos em série assinados pelas Maisons.

Com a aproximação da Segunda Guerra Mundial que aconteceu no final dos anos 30, na Europa em 1939, as roupas já apresentavam uma linha militar, assim como algumas peças já se preparavam para dias difíceis, como as saias, que já vinham com uma abertura lateral, para facilitar o uso de bicicletas.

Um acontecimento triste que ocorreu por conta da guerra, foi o fechamento de Maisons e estilistas se mudaram para outros países, fugindo da França.



Estilo indumentária feminina em tempos de guerra , 107,
Fonte: www. Marquise.de



Christóbal Balenciaga

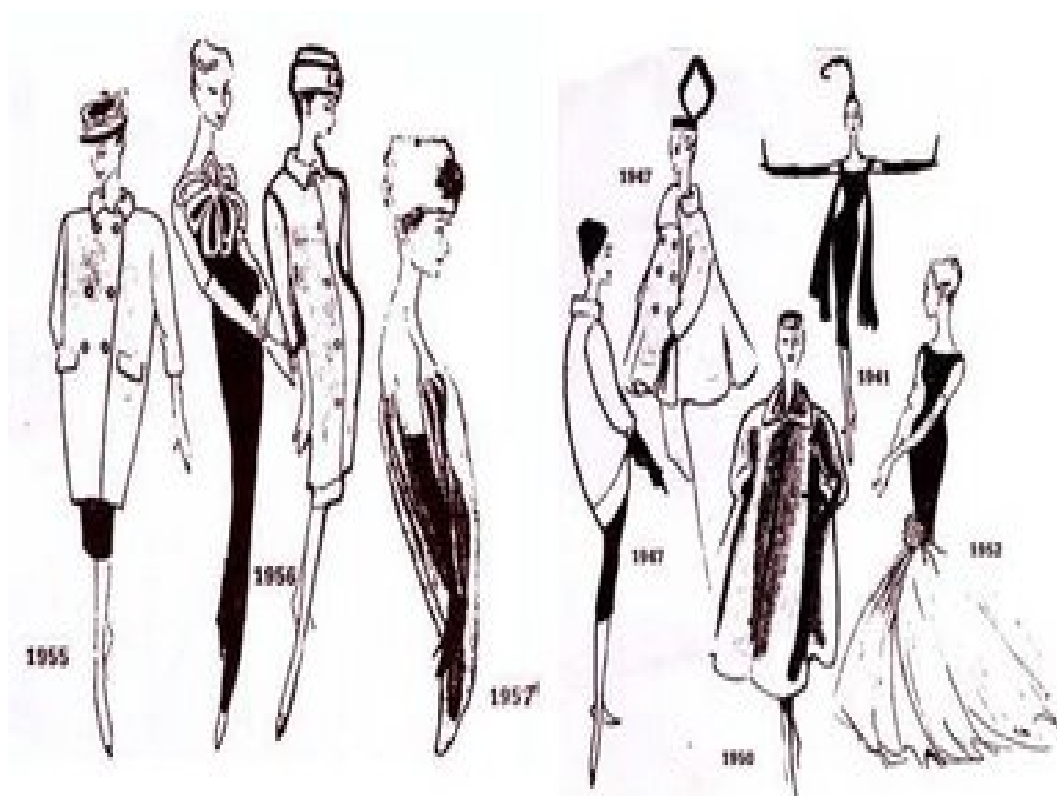
Painel com criações do estilista Cristóbal Balenciaga, 108,
Fonte: www.marquise.de

Em 1939, Balenciaga lançou o corte de manga com aplicação de um recorte quadrado, linha de ombros caídos, com cintura estreita e quadris arredondados. No ano seguinte, apresentou o seu primeiro vestidinho preto, com busto ajustado e quadris marcados por drapeados, além de abrigos impermeáveis em tecidos sintéticos.

Em 1942, as jaquetas largas e as saias evasês compunham a chamada “linha tonneau”. O primeiro paletó-saco e os redingotes com mangas quimono surgiram em 1946. Suas coleções de 1947 e 1948 tiveram inspiração espanhola, com elegantes vestidos e boleros de toureador para a noite.

Seu primeiro perfume, “Fruites des Heures” foi criado em 1948. Em 1949, fez mantôs muito largos e, em 1950, vaporosos e retos, além do vestido-balão. Na década de 50, Balenciaga apresentou lã tingida de amarelo vivo e cor-de-rosa.

Balenciaga viveu o auge de sua fama e criação durante os anos 50, começando em 1951, mudando a silhueta feminina ao eliminar a cintura e aumentar os ombros, num talhe muito acentuado.



Figurino de criação do Cristóbal Balenciaga em sua vida profissional , 109,
 Fonte: www.marquise.de

Em 1955, criou o vestido-túnica e em 1956, subiu as barras dos vestidos e casacos na frente, deixando-as mais compridas atrás, além do primeiro vestido-saco. Em 1957, apresentou o vestido-camisa. A linha “Império” foi criada em 1959 e veio com a cintura alta para os vestidos e os mantôs em forma de quimonos.

Durante os anos 60, Balenciaga criou casacos soltos, amplos, com mangas-morcego e, em 1965, apresentou os primeiros impermeáveis transparentes em material plástico. Sua última coleção foi lançada na primavera de 1968 - ano em que se aposentou e fechou sua maison - e mostrou jaquetas largas, saias mais curtas, vestidos-tubo e muitas cores.

Balenciaga era considerado purista e classista. Seu estilo ainda é lembrado pelos grandes botões e pela grande gola afastada do pescoço. Aposentou-se em 1968 e morreu, aos 77 anos, no dia 24 de março de 1972, em Javea, na costa espanhola do Mediterrâneo. Desde 1997, o francês Nicolas Ghesquière cuida da criação da marca, que foi comprada pela poderosa Gucci em julho de 2001.

6.7.4 Década de 1940

O mundo sofre com a segunda guerra mundial e com isso, os setores industriais foram afetados, havendo o racionamento de tecidos. As fábricas priorizavam os uniformes dos soldados que passaram a ser imitados.

Surge o Trench Coat com tecido gabardine, originalmente desenhado por Thomas Burberry, como parte do acessório usado pelos soldados.



Foto de Divulgação , 110,
Fonte: www.marquise.de

Com o fim da guerra, os tecidos de náilon dos pára-quedistas, foram adotados pela indústria de lingerie e de roupas de banho. A alta-costura se reergueu, pois as festas voltaram a ser importantes encontros sociais. As jóias voltaram a enfeitar o pescoço das mulheres da elite. Todos ostentavam.



Reprodução da indumentária feminina pós-guerra , 111,
Fonte: www.marquise.de



A Indumentária em tempos de guerra , 112,
Fonte: WWW.marquise.de

A moda sobreviveu à guerra. A silhueta feminina do final dos anos 30, masculinizada em estilo militar, perdurou até o final dos conflitos.

Era comum o uso de duas peças, de dia ou de noite, confeccionadas em tecidos simples. Eram saias justas e casacos que, para fugir da monotonia de tempos de crise, eram detalhados com debrum, bolsos e golas em cores diferentes.

A criatividade se manifestou com o uso de turbantes, chapéus, redes e lenços, pois não havia cabeleiros. As bicicletas entraram para substituir os transportes públicos e as meias de nylon, também escassas, foram trocadas por pastas cor da pele detalhadas com um risco na parte de trás da perna, imitando a costura das meias.



Os turbantes, 113,
Fonte: www.marquise.de

Carmem Miranda foi difusora do calçado, plataforma que fez deles sua marca registrada. As bolsas em geral eram a tira colo, penduradas ao ombro para andar de bicicleta; ou também as grandes, contribuindo para carregar alimentos. Usavam ainda a saia-calça que favorecia o uso da bicicleta também.

Os homens viveram um período de franca estagnação da moda no período de guerra.



A plataforma e a bicicleta, 114,
Fonte: www.marquise.de

Surge o *Read-to-wear* nos Estados Unidos, que não viveram os horrores da guerra e portanto a indústria estava bem estabelecida. Com fim da guerra em 1945, Chegam novamente a tranquilidade e a alegria às pessoas.

Esta inovação permitia a produção de roupas em escala industrial, com qualidade e ligação com as novidades da moda e tamanhos variados por um mesmo modelo.

No pós-guerra a alta costura retorna. Paris consegue se reerguer e recuperar seu prestígio, em boa parte graças a um projeto de marketing que funcionou. Foi criada lá uma exposição chamada *Lê Théâtre de La Mode* que passou por diversos lugares do mundo, criações de grandes nomes como: Balenciaga, Balmain, Dior, Givenchy, etc. divulgavam seus modelos em bonecas do tipo Barbie.



A esquerda new look original, a direita new look, 115,
Fonte: www.marquise.de

As meias de nylon voltaram ao guarda roupa das mulheres e seu consumo foi grande. Surge também o biquíni, a roupa de banho em duas peças, criado por Louis Réard e assim batizado por conta do bombardeio atômico sofrido pela ilha de biquíni, no Pacífico.

Surge o New Look em 1947, lançado por Christian Dior, propondo resgate da feminilidade da mulher, que estava perdida nos tempos de guerra. Esta proposta foi assimilada pelas mulheres, que ansiavam pela volta do luxo e da sofisticação perdidos. A proposta contava com saias rodadas e compridas, cintura fina, ombros e seios naturais e luvas e sapatos de salto alto. Dior estava imortalizado com o seu “New Look” jovem e alegre. Era a visão da mulher extremamente feminina, que iria ser o padrão dos anos 50.

6.7.5 Década de 1950

Os anos 50 foram marcados como a década do renascimento da feminilidade, lançada pelo New Look, de Dior. O culto à beleza estava em alta, e os “Anos Dourados” expressaram muito luxo e sofisticação.

Foi o esplendor da Alta Costura e os grandes nomes da moda do período foram muitos que também se destacaram na década anterior, como: Dior, Balenciaga, Givenchy, Nina Ricci e Chanel, entre outros.

A cintura marcada e as saias rodadas permaneceram com destaque.



Luxuoso vestido, 116,
Fonte: www.marquise.de

Os *scarpins* complementavam o visual, assim como chapéus de aba larga, bijuterias imitando jóias e as indispensáveis luvas. Paris manteve-se como centro lançador de moda, embora Inglaterra e Estados Unidos estivessem em franca ascensão. Diversas propostas de

volume foram criadas e surgiram as linhas H (tubinho), A (abrindo os vestidos da cintura para baixo) e Y (evidenciando golas). Ainda apareceram os chemisier, inspirados nas camisas.



Linha H , 117,
Fonte: www.marquise.de

Os homens usaram ternos sóbrios e gravata, fazendo do colete uma peça fora de moda. A mulher dos anos 50 tinha uma vida mais caseira. Os bebês nascidos no pós-guerra neste momento eram crianças e exigiam cuidados de suas mães. A mulher voltou para casa e ganhou o status de “Rainha do lar”, envolta em seus eletrodomésticos e em todas as faci-

lidades que o mundo do consumo oferecia. Mas vale ressaltar que havia muito requinte desta mulher ligada à família.

A década de 50 foi o auge das *pin-ups*, em função de seu caráter fortemente ligado à atmosfera da sensualidade feminina. As *pin-ups* são modelos que se enquadram em fotografias, desenhos e artes em geral com um toque de sensualidade.



Representação de uma Senhora nos anos 50's, rainha do lar , 118,
Fonte: www.marquise.de



Modelo indumentária feminina AP nos anos 50's, 119,
Fonte: www.marquise.de

O clima era de sofisticação e as mulheres queriam cuidar da aparência, já que tinha chegado ao fim a escassez dos cosméticos. A maquiagem estava na moda e valorizava o olhar, o que levou a uma infinidade de lançamentos de produtos para os olhos, um verdadeiro arsenal composto por sombras, rímel, lápis para os olhos e sobrancelhas, além do indispensável delineador. A maquiagem realçava a intensidade dos lábios e a palidez da pele, que devia ser perfeita. Surgem as grandes empresas do ramo, como a Revlon, Helena Rubinstein, Elizabeth Arden e Estée Lauder.

Os cabelos eram penteados em forma de rabo de cavalo ou em coques, as franjas começaram a aparecer. As tintas para cabelos, que passaram a fazer parte da vida de dois milhões de mulheres e das loções alisadoras e fixadoras. Os símbolos da beleza feminina eram Marilyn Monroe e Rita Hayworth.



Ava Gardner, maquiagem marcante dos anos 50's, 120,
Fonte: www.marquise.de

A indústria do *prêt-à-porter* estava cada vez mais significativa e o sportswear estava muito popular. Em 1959, a boneca Barbie foi desenvolvida e comercializada nos EUA, sendo pouco tempo depois exportada para a Europa.

A cultura juvenil foi fator determinante para a moda, que já não podia mais ser ignorada, pois foi ainda nos anos 50 que se começou a notar uma certa rebelião da juventude contra a geração mais velha, atarefada em reconstituir uma prosperidade perdida nos anos da guerra. Uma moda específica para os jovens apareceu derivada da dos adultos firmando

sua identidade. Para as mulheres, os cardigãs de malha, saias rodadas, sapatos baixos, meia soquete e rabo de cavalo, compondo a linha batizada de *College*. Apareceram também as calças compridas *cigarrete*, usadas com sapatilha.



Indumentária estica da Linha College, 121,
Fonte: www.marquise.de

Para os jovens surgiu o estilo rebelde, por influência de James Dean e Marlon Brando, no cinema, e de Elvis Presley, na música. O visual era composto pela calça jeans com a barra virada, camiseta branca e a jaqueta de couro que conferia a quem usava, um ar mais despojado.



Foto de James Dean, o eterno rebelde, 122 ,
Fonte: www.marquise.de

2.7.6 Década de 1960

Os anos sessenta foram da cultura jovem, dos estilos variados, do *rock and roll*, do homem pisando na lua pela primeira vez, dos movimentos pacifistas do final da década. Surgiu também a moda *unissex*, proveniente do ideal jovem, passando a idéia de coletivo e gerando uniformização.

Esta década presenciou uma forte crise na Alta Costura. Notadamente havia a necessidade de mudança e logo ocorreu a expansão do leque de produtos, incluindo perfumes, cosméticos e acessórios, responsáveis até hoje, pelo praticamente, sustento das grandes maisons. O nome do costureiro ganhou status de marca suscetível de ser concedida sob licença.

Dentro do cenário de crescimento do espaço conquistado pelos jovens, a transformação da moda foi radical, com o fim da moda única, que passou a ter várias propostas e a forma de se vestir se tornava cada vez mais ligada ao comportamento. O jeans se firmou como ícone da moda jovem, com diversos modelos e intervenções.



Representação da moda jovem nos anos 60's, 123 ,
Fonte: www.marquise.de

Estilistas como André Courrèges, Pierre Cardin, Yves Saint Laurent e Paco Rabane influenciaram a moda no mundo. Quanto ao prêt-à-porter, sua assimilação já havia se concretizado e a indústria da moda estava muito bem estabelecida.

As boutiques contribuíram para a difusão e democratização das criações dos estilistas, e aumentavam cada vez mais. *Courrèges* teve grande expressividade na moda do período, com suas criações de minissaias, mini-vestidos e suas calças compridas. Ele conseguiu empregar dinamismo e modernidade à moda.

Pierre Cardin inovou focando no futuro, com propostas espaciais em macacões de malha, calças justas, e muito uso do zíper. Saint Laurent abriu sua própria Maison nos anos 60 e buscou nas artes inspiração como o tubinho com desenhos de Mondrian e, em 1966 lançou o *Le Smoking*, roupa inspirada no tradicional traje masculino, para ser usada pelas mulheres. A criação é re-visitada até hoje nas passarelas. Já Paco Rabane, foi o mais inusitado nesta década, ao utilizar materiais não convencionais em suas criações, como as placas de metal. Estava claro que o futuro foi tema recorrente entre os estilistas dos anos 60.



Modelo de Yves Saint Laurent, 124 ,
Fonte: www.marquise.de

Há uma grande controvérsia a respeito de quem seria a autoria da minissaia, de Courrèges ou de Mary Quant.

No entanto, segundo a própria Mary Quant: “A idéia da minissaia não é minha, nem de Courrèges. Foi a rua que a inventou”. Independente do autor, a estilista criou muitos modelos da diminuta peça. As saias de 30 cm de comprimento eram usadas com camisetas justas e botas altas. Mary Quant abriu a loja Bazaar, na famosa, King’s Road, em Londres. Em poucos anos, já existiam 150 filiais na Inglaterra, 320 nos EUA e milhares de pontos de venda no mundo todo. A boutique Bazar se tornou o símbolo de vanguarda dos anos 60 e 70.



Twiggy usando mini saia, 125 ,
Fonte: www.marquise.de

Os Beatles, também ditaram moda e foram seguidos por milhares de jovens ao redor do mundo inteiro. Seus cabelos “tigela” e os terninhos foram copiados mundo afora.

Quem contribuiu muito com a moda foi Emílio Pucci (Itália). Sua grande contribuição para a moda e merecedora de destaque até os dias de hoje foram, as estampas geométricas multicoloridas.



Estampa Pucci , 126 ,
Fonte: www.marquise.de

O caráter de psicodélico, com os novos materiais como: metal, plástico e acrílico, esteve presente em toda a década, assim como novas estampas geométricas e curvilíneas, na moda e nas artes.

A Op art foi uma manifestação artística do período que esteve de acordo com esse caráter. Ela evidenciava efeitos óticos geométricos especialmente em preto e branco e colorido e o pioneiro foi Victor Vassarely.

Houve também a Pop Art movimento merecedor de destaque. Este reproduzia rostos de pessoas famosas, frutos do consumo popular, de histórias em quadrinho, etc. Destaque para Andy Warhol e Roy Linchtenstein.

Grande ícone de beleza dos anos 60 foi a modelo Twiggy, de aspecto ingênuo, cabelos curtos, olhos marcados com rímel e cílios postiços.



Twiggy, modelo de ingenuidade, 127 ,
Fonte: www.marquise.de

A década marcou grandes transformações para os homens. Os ternos foram menos usados e deram espaço às jaquetas com zíperes, golas altas, botas, calças mais justas e as camisas coloridas e estampadas. O homem adotou os enfeites e a informalidade finalmente falou mais alto.



A informalidade , 128 ,
Fonte: www.marquise.de

O movimento hippie veio à tona e o discurso era de contestação e rebeldia. As roupas eram despreocupadas, com detalhes artesanais, bordados manuais, saias longas, calças boca-de-sino, batas indianas, além dos cabelos longos e despenteados para ambos os sexos. Os jovens foram se firmando com seus valores, conceitos e moda.

O Woodstock foi o movimento que contribuiu para sua popularização e divulgação, com participantes como Jimi Hendrix e Janes Joplin. Não havia mais como esconder ou frear o movimento, que marcaria também a década seguinte.



Foto ilustrativa do movimento hippie, 129 ,
Fonte: www.marquise.de

6.7.7 Década de 1970

Todo o referencial estético e idealista surgido com o movimento hippie entrou com força nos anos 70. Ainda houve o *Back Power*, que era o nome dado ao penteado e ao mesmo tempo slogan do movimento contra o racismo que tinha como grande representante a militante negra dos Estados Unidos Ângela Davis.



Ângela Davis, 130 ,
Fonte: www.marquise.de

Houve uma grande diversificação na moda, quando diversas opções e estilos se tornaram referências, sempre tomando como base os ideais de conforto e praticidade. Estilos como: *New Romantic* do final da década, privilegiando flores, rendas e acessórios românticos, a tendência da mulher independente e trabalhadora, usando ternos masculinizados, a moda esportiva, com os conjuntos de calça comprida e agasalho em moletom.

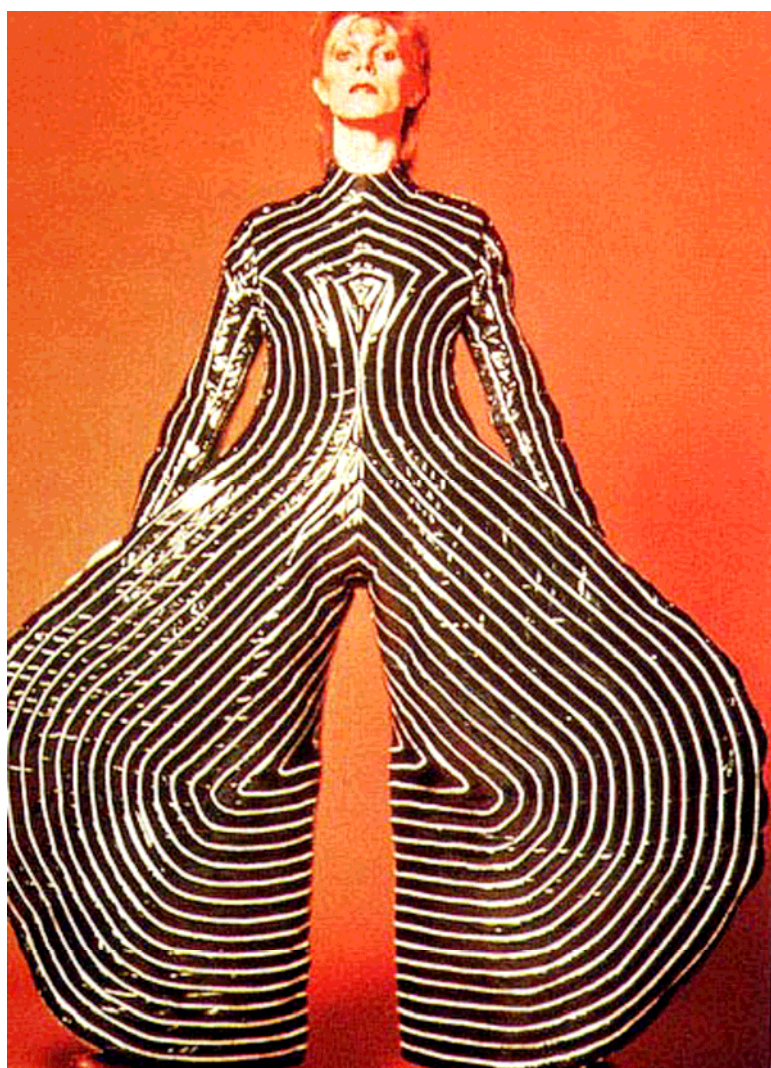


Movimento hippie, 131 ,
Fonte: www.marquise.de

As calças jeans foram peças muito usadas, em diversos modelos. Havia as de boca de sino do início da década, as tradicionais, no decorrer dos anos e as *semi-baggy* e *baggy* do final do decênio.

Foi à década da difusão dos *Bureaux de Style*, escritórios que estudavam as tendências do mercado e sugeriam propostas para a moda. O principal deles, existente até hoje é o *Promostyl*.

Dentro da linha de diversificação dos estilos, surge neste decênio o movimento *Glam*, vindo de Glamour, também chamado de *Glitter*. Esteve ligado aos grupos musicais do estilo *Glam Rock*, como Bryan Ferry, David Bowie, Rod Stewart, Elton John, etc. O visual conteve muito brilho e a marca registrada foi à excentricidade representada pela bota plataforma de cano alto.



Glam Rock, David Bowie, o camaleão do rock'n roll, 132 ,
Fonte: www.marquise.de

Os punks também surgiram no final desta década com a ideologia agressiva de denúncia à sociedade. Usaram roupas rasgadas, jaquetas de couro preto, botas surradas, cabelos espetados, *piercings* e muitos detalhes metálicos nas roupas. Vivienne Westwood e seu marido, Malcon McLaren, líder do Sex Pistols foram grandes nomes do movimento. A estilista tinha uma boutique chamada Sex, onde vendia diversos artigos com a estética dos punks e acabou sendo considerada como a “mãe dos punks” e se consagrou como criadora de grande prestígio até os dias de hoje.

O grupo Village People também é do período, grupo musical formado por 6 integrantes declaradamente homossexuais com uma proposta descontraída e que, especialmente seus bigodes, acabaram sendo adotados pelos homens.



Grupo musical Village People, 133 ,
Fonte: www.marquise.de

Estilistas como Calvin Klein e Ralph Laurent dos Estados Unidos foram referências de moda propondo praticidade, versatilidade e descontração. O conceito de *griffe* surgiu nos Anos 70 em decorrência da proposta de se ter uma moda mais acessível, porém com uma assinatura e estilo.

Quase nos anos 80, inspirada pelo filme “Os Embalos de Sábado à Noite” e como uma decorrência do movimento Glam, surge uma moda ligada às discotecas, onde John Travolta foi o ícone da nova febre mundial.



John Travolta, embalos de sábado à noite, 134 ,
Fonte: www.marquise.de

Em 1970, tivemos uma crise que influenciou na moda e que causou uma preocupação muito grande na Europa, que foi a crise do petróleo, uma vez que seus tecidos eram sintéticos, dependendo do petróleo como matéria-prima.

Por conta disso, surgiu na França um comitê de estilo e com isso, em meados dos anos 70 criou-se a feira de moda têxtil em Paris com o nome de *Première Vision* (primeira visão), na qual as indústrias têxteis apresentavam seus lançamentos e que ainda hoje é a principal feira de moda do mundo.

6.7.8 Década de 1980

Nos anos 80's, podemos destacar o couro, as ombreiras altas, as estampas, a sensualidade, o culto ao corpo, com a febre da ginástica e finalmente o surgimento da Aids.

Foi um tempo de convivência em harmonia com opostos , na maioria das vezes. Tivemos ao mesmo tempo os coloridos e as cores sóbrias, os justos e os amplos, até o simples e o exagerado. Existiam várias realidades, pluralidade de possibilidades e com isso, surgiram os conceitos de várias tribos de moda e comportamento, marcando vários grupos diferentes identidades, forma de se ver a vida e ao mesmo tempo o contemporâneo mundo da alta costura com suas regras sociais do início do século. Cada um era fiel ao seu grupo, não existindo um elo entre uma tribo e outra.

A cultural *punk* iniciou-se com a música, contendo várias características que vão desde o *pop rock* irônico e politicamente indiferente, ao ruidoso discurso político panfletário. Apesar disso, os diversos estilos de música *punk*, o caráter anti-social e ou socialmente crítico é bastante recorrente. A moda punk, tem sua essência no contraste com a moda vigente e por vezes apresenta elementos contestadores ou ofensivos aos valores aceitos socialmente.



Representação da indumentária do movimento *punk*, 135 ,
Fonte: www.wikipédia.com

Por volta de 1979, com o reaparecimento dos “*skinheads*” na cultura inglesa e a metamorfose do *street-punk*, o coturno, a camisa estilo pólo e os suspensórios, são absorvidos pela cultura punk. É sobre a influência dos *skinheads*, que se desenvolveu uma imagem supermasculinizada, simbolizando a violência, a virilidade e o orgulho suburbano e proletário. Este desejo de aparentar pertencer à parte suburbana, oprimida, trabalhadora e vista como heroína da revolução social, então comum entre fãs e conhecido na época como “credibilidade de rua”, teve grande impacto no estilo e levou muitos adeptos a perseguir, ridicularizar e agredir indivíduos que não correspondiam visualmente ao estilo que julgavam ser antagônico ao “estilo burguês” e típico das ruas (roupas desgastadas e que simbolizassem a virilidade e a marginalização social).



Representação da indumentária do movimento *punk*, 136 ,

Fonte: www.wikipédia.com

Os Góticos ou *Darks*, vestiam-se de preto, valorizavam a palidez e usavam maquiagem escura. Viu-se emergir uma corrente cultural caracterizada por alguns elementos comportamentais comuns ao romantismo do século XVIII, como a melancolia e o obscurantismo, além de uma perspectiva poética e subjetiva sobre a própria existência; uma visão positiva sobre solidão, melancolia e tristeza; introspecção, medievalismo, entre outros. A cor preta representa para eles, estética e geralmente é acompanhada de uma, ou mais cores adicionadas de forma peculiar para compor os visuais dentro dos estereótipos variantes do Gótico, ou seja, não sendo esta predominante, embora ainda sim, presente. Como simbolismo, a semântica pode variar de indivíduo para indivíduo, ou estar praticamente ausente, permanecendo como apenas questão de estética.



Ilustração Movimento Gótico ou *Dark* feminino, 137,
 Fonte: www.poeta_gotico.kit.net

Uma referencia forte da década foram os criadores japoneses, seus mais ilustres representantes eram Rei Kawakubo, Yohji Yamamoto e Kenzo, que propunham limpeza visual, o minimalismo, e intelectualidade da filosofia Zen, com criações sóbrias, austeras e com poucas cores, com poucos detalhes e acabamentos simples. Buscado retratar a simplicidade da vida.

Em contra partida, havia a moda vinda de Paris com exuberância e criações inusitadas. Seus ilustres representantes Jean-Paul Gaultier se encaixou dentro dessa tendência, sempre evidenciando a androginia, as referências étnicas e o comportamento jovem. Christian Lacroix já foi mais excessivo, para ele o discurso era: (Mais é Mais). Trabalhou com muitas flores, listras, xadrezes, poás, volumes, babados, tudo junto!



Diversidade de estilos, 138,
 Fonte: www.marquise.de

Surge também, a moda vinda das academias de ginástica. A proposta era de alto astral com o uso de roupas que valorizavam o corpo, justas e coloridas, em um culto à forma do corpo para exposição e conforto para prática dos exercícios. Essa moda se expandiu para as ruas e diversas peças de roupas que antes eram restritas ao universo da malhação foram adotadas no dia-a-dia.



Moda das academias, 139,
Fonte: www.marquise.de

Na década de 80 nos Estados Unidos, surge os Yuppies por conta de um grande crescimento econômico, que eram jovens americanos ambiciosos, que geralmente trabalhavam em corretoras de valores e ganhavam muito dinheiro com isso. Bem vestidos, com carros de luxo e morando em endereços chiques, queriam viver a vida intensamente, a despeito dos custos. Os Yuppies tinham um lema de ganhar um milhão de dólares até os 30 anos de idade. Eram identificados pelo estilo de vida moderno e sofisticado.



Figura - Indumentária Yuppies nos anos 80's , 140,

Fonte: <http://cinemascopiocannes.blogspot.com.br/2010/05/wall-street-money-never-sleeps-hors.html>

Em 1980 entra em cena o look exagerado, poderoso, para as mulheres já posicionadas no mercado de trabalho. Os ombros são marcados por ombreiras enormes; com cintura e quadris também salientados. As mulheres tornam-se adeptas dos básicos inspirados no guarda-roupa masculino tendo no blazer a peça de destaque. Por fim, os homens também acabaram adotando as ombreiras e a tendência unissex se manteve dessa forma.



Mulher no mercado de trabalho , 141,

Fonte: www.marquise.de

Podemos concluir com louvor que a síntese dos anos 80 é “a maneira de ser igual entre os diferentes e, ao mesmo tempo, diferente entre os iguais de uma outra tribo”.

6.7.9 Década de 1990

Na década de 90, os preconceitos foram deixados de lado e as pessoas se vestiam com mais liberdade das regras de padronização dos estereótipos sociais.

As releituras dos anos 80 permaneceram, assim como o conceito de Tribos Urbanas. Surgiram diversos novos grupos de estilo, como os grunges, privilegiando uma modelagem ampla, peças sobrepostas e a tão usada camisa de flanela amarrada na cintura.



Supermercado de Estilos, 143,
Fonte: www.marquise.de

Tivemos também, jovens despojados ditando moda ousada e irreverente, tais como os Clubers, Drag Queens, Ravers, dentre outros.



Supermercado de Estilos, 144,
Fonte: www.marquise.de

Surgiu nesta década um conceito novo: vigorava agora o Supermercado de Estilos.

Não havia mais uma fidelidade extrema a determinado grupo e sim uma liberdade maior de decisão de quando e onde ser cada um deles. A escolha era livre e cada um podia ser adepto de vários. “A falta de identidade, passou a ser a identidade”, de acordo com Braga (2007, p.101).

A década viveu também uma nova e influente referência Belga. A proposta era o “desconstrutivismo” para em seguida construir novamente.. O grande nome dessa tendência foi Martin Margiela.

A preocupação ecológica teve reflexos na moda nos anos 90. Vários estilistas incorporaram a preocupação e denunciaram as agressões à natureza. Destaque especial para Gianni Versace e Moschino. Karl Lagerfeld assume a criação da Chanel e aplica forte rejuvenescimento empresarial à marca. E outras marcas seguem o caminho contratando sangue novo, como a Dior, Givenchy, Prada, Gucci, Saint-Laurent, entre outras.



Supermercado de Estilos , 145,
Fonte: www.marquise.de

A microfibras evoluiu muito, surgindo com tecidos de alta performance tecnológica, os chamados Tecidos Inteligentes.

Surgem novas fibras ecológicas com meios de beneficiamentos, menos agressivos, e as pessoas passam a não se preocuparem apenas com o preço e beleza das peças, mas também com a forma com que foram produzidas. Como exemplo, podemos citar o TENCEL® (marca registrada de Lyocel). Tem características: conforto, controle de umidade, tenacidade no seco e no molhado, e também fluidez. Temos também o Treetap, couro vegetal produzido na Amazônia.

O final do século XX não foi marcado por um estilo, ou alguns estilos notáveis, mas sim por uma diversidade de aspectos que passaram rápido demais, a ponto de tornarem-se quase imperceptíveis aos olhos de um leigo. Motivado pela facilidade de busca e penetração de informações em tempo real por conta da internet e TVs a cabo que conectaram não somente a elite e classe média, mas também boa parte da classe operária que buscava se vestir e comportar-se de uma forma onde a individualidade fosse a marca da sua personalidade.

7 Moda no Século XXI

Ao contrário do que se pensava, não estamos usando roupas espaciais, nem dirigindo carros voadores.

O que tem acontecido na moda é o movimento inverso do que se pensava nos anos 60, do retorno às décadas passadas como fuga ao stress do dia-a-dia nas cidades. Cada vez mais os estilistas têm buscado elementos classificados de *retrô*. O termo *vintage* (moda retrógrada, recuperação de estilos de épocas passadas), tem sido vastamente explorado pela mídia e fortalece o uso de roupas de brechó.

Com a moda cada vez mais rápida, os estilistas criam, além das coleções semestrais, as sub coleções, onde colocam no mercado os modismos instantâneos, que por algum motivo específico, as pessoas desejam ter. A era da tecnologia, da informação, tem feito os criadores se desdobrarem na busca do que os grupos (assim definidos atualmente) querem neste ou naquele momento e, já se prepararem para o que desejarão no momento seguinte, sendo que as mudanças ocorrem num curtíssimo espaço de tempo.

As peças lançadas pelos estilistas não são mais seguidas ao pé da letra. O que se procura fazer é uma adaptação dessa idéia, colocando o traço pessoal em cada look usado. Ninguém mais aceita as imposições dos criadores. Eles somente indicam o caminho e as pessoas seguem da forma que melhor encontrar.

“(...) hoje, o must quase só é conhecido por um público circunscrito de profissionais ou de iniciados, a maioria não sabe mais exatamente o que está na ponta do novo, a moda se assemelha cada vez mais a um conjunto vago, cujo conhecimento é distante e incerto. Simultaneamente, o fora de moda perde sua radicalidade; ainda que não desapareça, é mais impreciso, menos rápido, menos ridículo”. LIPOVESTKTY, GILLES (1989,pág..142)

O que se vê hoje é uma mistura de tudo o que se usou nos últimos 50 anos. Uma pessoa pode estar vestida com alguma peça que lembre a década de 70, outra que remeta a de 50 e assim por diante. Misturar tudo, sem se deixar parecer ridículo, virou uma espécie de talento pessoal, visto com olhares de admiração por quem pertence ao grupo dos básicos. Essa mistura não se limita apenas às décadas. Misturar estampas, cores, estilos, tudo é válido.



Ilustração da variedade de estilos, 146,
Fonte: www.marquise.de

É um mix de informações, batido no liquidificador e que, ao final, transforma-se em algo delicioso e prazeroso aos nossos olhos.

Nunca se falou tanto em estilo e individualidade. Parecer único virou mania. Esse fenômeno surgiu pela falta de verba dos jovens no início do século. Sem poder comprar roupas novas o tempo inteiro, os jovens passaram a transformar suas roupas antigas, ornando-as com os mais variados aviamentos. A esse processo deram o nome de *customização*. Essa mania saltou dos jovens sem verba para todas as outras classes sociais, virando sinô-

nimo de criatividade, individualidade. E das ruas foi para as passarelas. Aliás, esse movimento contrário, das ruas para as passarelas, e não mais das passarelas para as ruas, é que tem vigorado na atualidade.

Outra consequência da globalização e de toda a liberdade de expressão é o desejo pelo ser “eternamente jovem”. Há tempos atrás, era o filho que desejava parecer adulto, hoje são os pais que desejam parecer-se com os filhos. Homens e mulheres acima de 40 anos procuram roupas que antes eram usadas apenas por jovens adolescentes. O esportivo urbano veste todas as idades. O jeans, antes só usado por jovens, hoje domina o mercado mundial. Todos possuem uma peça jeans no armário. É próprio para a atualidade. É prático, forte e fácil de se fazer combinar.

Cirurgias plásticas viram febre, atendendo a ânsia de se ter o corpo jovem e perfeito. É como estar numa fonte de desejos, onde se joga uma moeda (no caso várias moedas) e, de súbito, se tem um corpo almejado.

“[...] o importante não é estar o mais próximo possível dos últimos cânones da moda, menos ainda exibir uma excelência social, mas valorizar a si mesmo, agradecer, surpreender, perturbar, parecer jovem.” LIPOVESTKY, GILLES (1989, pág.122).

Percebeu-se a importância dos cinco sentidos: olfato, visão, paladar, tato e audição, o que tem sido altamente explorado pelo varejo. Usando e abusando, cada vez mais, desses artifícios no intuito de finalizar vendas e adquirir novos clientes. É o chamado varejo emocional. O processo de comprar roupa é totalmente emocional. Compramos roupa como forma de terapia, por prazer. Por isso que moda hoje é considerada desejo.

A moda masculina também mudou bastante atualmente. Há mais liberdade na forma de vestir, as cores não se restringem aos tons pastéis ou às cores escuras. O universo masculino está mais colorido. Os homens admitem a vaidade, compram mais e, como as mulheres, por prazer. Eis aí o chamado, metrossexualismo entrando em cena, homens altamente vaidosos e consumistas.

Alguns ícones da atualidade como: Sarah Jessica Parker, Gwen Stefani, Beyonce, Heide Klum, Anne Hathaway, Rhianna, Natalie Portman, Johnny Depp e outros tantos. Como um marco cultural e social a dita revolução digital, tendo a moda focada na individualidade e auto-afirmação.



Representação estilos variados da moda no Século XXI, 147,

Fonte: <http://www.radardanet.com/wp-content/uploads/2010/10/Estilo-de-jovens-hoje-em-dia1.jpg>

8 Renovação das regras de etiqueta

Diferente dos dias de hoje, vários tratados foram escritos durante o Antigo Regime, do século XV ao XVIII para comentar as mudanças dos hábitos, as roupas e os modos dessa época em que a burguesia ameaçou e conseguiu, desbancar a hegemonia da nobreza. E foi um avanço, pois nunca a moda e a etiqueta haviam estado tão a serviço da exclusão e da discriminação. Basta ver que em 1533, só podiam ter seda em suas roupas os cavalheiros de renda maior que 20 libras anuais. Já os assalariados que não ganhassem mais do que 2 libras por ano não podiam usar boné ou camisa importados.

Nesta clara disputa pelo poder, bastava que uma moda proposta por um nobre fosse adotada por um burguês esperto para que outra surgisse no dia seguinte e a antiga perdesse a pose. Apropriar-se dos códigos de moda e etiqueta foi para este burguês, fator de ascensão social, uma arma para substituir o poder do título pelo poder do dinheiro.

Por mais escandaloso que pudesse parecer, o poder do dinheiro era mais democrático que o dos títulos de nobreza. Qualquer um podia chegar a ganhar dinheiro, porém, sangue azul só se tinha por direito de nascimento. É verdade que a igualdade e liberdade do novo regime, pode não ter se realizado completamente, mas nos livrou de muitos dos códigos discriminatórios que uma sociedade de condições impõe.

Houve tempo em que não tinha a menor hipótese de um camponês se tornar um nobre, não existia sequer casamento entre eles. Eram mundos rigorosamente separados, onde cada qual representava seu papel, sem qualquer chance de mobilidade. Numa sociedade democrática, há de inclusive, inverter posições, de sair da condição de operário para uma posição bem mais privilegiada e vice e versa.

No Antigo Regime a etiqueta existia para preservar as hierarquias, lembre-se de Luis XIV em Versalhes. Depois passou a existir para permitir a melhor convivência da vida civil entre cidadãos iguais. Porém o que fica claro hoje, é que, as regras de etiqueta e de comportamento sociais têm tudo a ver com a maneira com que nos relacionamos uns com os outros e com nós mesmos.

Difícilmente podemos imaginar uma sociedade sem ordens e hierarquias, reais ou imaginárias, que acabam dando em privilégios. Neste cenário, quem não está contente com sua posição no mundo vai a qualquer custo tentar melhorar sua posição social. O importante, é não se deixar ameaçar pelo esnobismo, buscando conhecer os códigos de comportamento e tendo consciência de nossas escolhas, caprichando nelas, sendo naturalmente edu-

cado, informado e estiloso, aceitando assim, a idéia de que não acertamos sempre, e nem todos vão admirar ou aplaudir tudo o que fazamos.

Constanza diz em seu livro (1999), que para cuidar do outro, é preciso estar bem, e que isso não tem nada a ver com narcisismo, egoísmo e egocentrismo, mas sim, se cuidar primeiro para depois cuidar do outro.

Vivemos num mundo mais igualitário sem tanta discriminação e ou preconceito por questões de cor, sexo e classe social. Diante de tantas transformações, é natural que os códigos, o comportamento, as regras de etiqueta, mudem também.

Pudemos perceber que cada vez que o mundo passa por grandes transformações, temos que nos adaptar e fazer uma revisão dos antigos códigos já que há uma necessidade de os comportamentos entrarem em novos regimes.

Hoje parece que andamos para trás nesse jogo social. O "momento egoísta" que vivemos parece ter despertado o desejo dos privilégios e a prática de um sistema de exclusões de que demoramos tanto para nos livrar.

A grande maioria das pessoas, vê a etiqueta como frescura, mas este é um pensamento muito equivocado, já que a etiqueta nos torna mais amigos, simpáticos, sinceros, próximos e prontos para encarar situações de maneira fácil e descomplicada, pois ela existe para auxiliar-nos no dia-a-dia, e nos ajudar na forma de nos relacionarmos educadamente com os outros.

Conhecer os códigos da etiqueta e da moda nos dará mais liberdade para nos situarmos num mundo cheio de sinais contraditórios, já que estilo hoje, está ligado à forma como nos relacionamos com as pessoas. Para tanto, é importante saber e nos interarmos dos conselhos e dicas recentemente atualizadas, devido às boas maneiras não se resumirem apenas à volta da mesa, em como usar os talheres corretamente, etc..., mas sim no trato com as pessoas, na forma de se vestir para diferentes ocasiões, sem parecer fútil, vulgar ou mesmo simples demais,

Hoje, por exemplo, a mulher não pode prestar atenção nas regras somente porque acompanha o marido a alguns lugares, como nos compromissos de trabalho dele, mas sim porque ela mesma se introduziu neste meio corporativo, e precisa estar elegante para passar uma boa imagem, para saber como usar os meios de tecnologias, como mandar e-mails, como dirigir sem estar falando ao celular, e isso não vale só para as mulheres, mas também para os homens.

Como exemplo de algumas gafes no trabalho, podemos citar as roupas extremamente decotadas, saias ou vestidos extremamente curtos, transparências, roupas justas e estilos

duvidosos. É importante lembrar que de forma sutil, a roupa que você usa pode denunciar seu comportamento ou passar uma imagem que não se encaixa no âmbito profissional. Por isso, se aconselha tanto esta regra nos manuais de estilo. Aquela velha história de que a primeira impressão é a que fica, é mais do que verdadeira quando o assunto é vestir-se para o trabalho ou para uma entrevista de emprego.



Exemplo de certo e errado para indumentária para ambiente de trabalho , 148,
 Fonte: <http://modacademeuestilo.blogspot.com.br/2009/01/por-conta-da-crise-dicas-de-looks-para.html#!/2009/01/por-conta-da-crise-dicas-de-looks-para.html>

Com relação a ambientes festivos ou casuais, também temos que prestar atenção em algumas regras como:

- Qual traje está sendo solicitado no convite. Se o traje é social e você se veste conforme o requerido, sinaliza que está entre iguais.
- Se você muda o traje estipulado no convite, com uma mistura inesperada a seu conteúdo, passa-se a menção que você adere ao grupo, mas com algumas diferenças e reservas.
- Se o convite pede uma roupa formal , e você resolve ir com um traje informal. Você passar duas mensagens, uma delas é de transgressão a qual você não se identifica com

as pessoas no local. E a outra é de desinformação , ou seja, que você não compreendeu que estava sendo pedido no convite.



Exemplo de trajes de gala próprios para festas , 149,
Fonte: <http://blogbrulemos.wordpress.com/2012/05/24/dress-code/>



Exemplo de trajes social esportivo, uso par o dia a dia, 150,
Fonte: <http://www.supersecretariaexecutiva.com.br/blog/posts/com-que-roupa-ir-a-uma-entrevista-de-emprego/>

Ocasões que pedem roupas esportivas como: almoços, churrascos, caminhadas, etc..., não é de bom tom se vestir de outra forma, mesmo porque, tanto quem está usando pode ficar constrangida como causar este sentimento nos outros.



Exemplo de trajes esportivos femininos, para ambientes informais , 160,
Fonte: <http://onosso nude.blogspot.com/2012/05/dress-code-como-usar.html>



Exemplo de trajes esportivos masculinos, para ambientes informais , 161,
Fonte: <http://fernandalapa.wordpress.com/>

Também não é preciso entrar em paranóia e imaginar que tem de conhecer todas as maneiras de se comportar, de se vestir, e pensar o tempo todo na aparência e na imagem que quer projetar. O bom é transitar pelos códigos da moda e da etiqueta com naturalidade, sem parecer que está num campo minado.

O importante termos em mente que o sucesso de uma festa se ela foi animada, se você encontrou gente interessante, se a conversa foi boa, se você dançou a vontade, se as pessoas saíram de lá com a sensação de que se divertiram ou aprenderam alguma coisa e não somente porque os anfitriões estão bem vestidos, porque há lindos castiçais na mesa ou porque a casa está bem decorada.

Não é nada fácil ser civilizado, mas, sem civilização, sem códigos de convivência, seria a lei do mais forte, e a vida nas cidades ou em qualquer agrupamento se tornaria muito difícil. Por isso as leis, e de certa forma, as regras funcionaram a partir da época das cavernas e funcionam até hoje.

Ninguém mais tem certeza do que está ou não na moda. São tantas as informações, são tantas as possibilidades, que às vezes a impressão que se tem, é de que vale tudo. Gostemos ou não, viver em grupo exige regras. Estamos sempre sendo avaliados, seja pela nossa aparência ou pelo modo como nos comportamos. Por isso, o conhecimento dos códigos pode facilitar muito, a vida, já que nos vestimos para passar alguma informação para as pessoas que de alguma forma, temos interesse, ou não.

As famílias ficaram pequenas, todo mundo trabalha até tarde e com isso, as pessoas vão ficando cada vez mais individualizadas. Não tem mais mesa, não tem mais muita conversa e apesar do afeto e impressão de proximidade, a verdade é que quase não há mais trocas de valores e de experiências. Sem mencionar os pais modernos, que não educam, com medo de reprimir.

Por isso, hoje, não sabemos o que vestir, tão pouco, como se comportar, quando somos obrigados a comer e conversar com pessoas que não conhecemos, diante de pratos diferentes e impossíveis de se decifrar.

É justamente nessas horas que é preciso parar para reavaliar os parâmetros de comportamento, manter os que ainda fazem sentido e assimilar os novos. É tempo de recuperar o prazer da civilidade, ao menos para os que teimam em acreditar que a civilização é uma necessidade e um prazer sofisticado. É preciso ter bom senso sempre, e desta forma, fica mais difícil de errar ou de ser desagradável com alguém.

9 Conclusão:

Vimos no decorrer deste trabalho, que de tudo um pouco, já foi feito na moda. Todas as décadas foram re-visitadas incansavelmente. O segredo é fazer as peculiaridades de cada década se tornarem atuais. Seja um simples jeans ou um vestido "*new look*" rodado.

Até a década de 60, vimos ainda um conservadorismo com relação à formalidade tanto na moda como no comportamento social por se tratar de uma temática pontual, ou seja, a divulgação das novidades que era pouco difundida, demorava-se muito para atualizar as informações. Com o advento da televisão, ter uma maior participação na vida das classes altas e médias, as informações sobre variedades, comportamentos e moda começou-se a fazer parte do cotidiano da sociedade, difundindo tendências e aprimorando o senso crítico de uma sociedade nos seus indivíduos formadores de opinião.

Nos anos subseqüentes a influência da televisão e cinema conjuntamente com os meios especializados de mídia impressa favoreceu o questionamento comportamental e do vestuário como símbolo de uma ideologia de vida e um grito de liberdade. Neste momento, verifica-se o surgimento da juventude transviada nos Estados Unidos, impulsionados pelo sonoro "*Rock'n roll*" e o surgimento do movimento "*Hippie*" com suas roupas extremamente coloridas. Embora boa parte da sociedade se mantinha com valores tradicionais.

As tribos dos anos 80 deram o primeiro passo na conquista da libertação da imposição dos criadores. A moda hoje tem poucas restrições, é livre, aberta. Graças à globalização, há trocas de informações em tempo real, a moda não é mais um uniforme. Há a necessidade de novidade a todo instante. O que foi lançado ontem, perde seu frescor no dia seguinte. Nada mais é excluído, mas ao contrário, somado.

O indivíduo conquistou uma iniciativa criadora. O criador passou a copiar do indivíduo. Isso não quer dizer que os estilistas buscam referências do passado por falta de criatividade. Também não significa que não haverá mais o profissional de moda. A sociedade sempre buscará um referencial, porém, de uma forma mais livre para escolher o que realmente o torna completo. Afinal, roupa hoje é emoção, expressão e individualismo.

Com relação às regras de etiqueta, temos como característica do início do século XXI a informalidade, decorrente das mudanças impostas pelos constantes avanços tecnológicos, o que vem acontecendo de forma tão intensa que as regras tendem a ficar mais flexíveis. No entanto, a função básica da etiqueta social possibilita um convívio social agra-

dável e é mantida em toda sua essência. Se em alguns períodos da história ela foi instrumento de discriminação a serviço da elite, hoje cada vez mais sua importância tem sido reconhecida. Preservar bons hábitos e costumes pode ser relevante e possibilita que a vida em sociedade seja mais harmônica.

A inspiração da etiqueta está no cuidado e respeito ao próximo, baseada em regras simples, no bom senso e na cordialidade. Enfim, em bons sentimentos.

Nos dias atuais, muito se tem falado em etiqueta social. Percebemos uma procura, cada vez maior, de pessoas interessadas em aprender e colocar em prática o aperfeiçoamento do conviver, apesar de muitas ainda resistirem por acharem que é frescura. Com certeza, essa demanda, é reflexo da problemática das relações humanas intimamente ligadas à ética social e moral.

A ética é a grande discussão deste novo milênio, nada melhor do que falarmos da ética cotidiana, ou seja, da etiqueta que interpretada ao pé da letra, significa "pequena ética".

O mundo de hoje é fundamentalmente diverso daquele de nossos avôs e mesmo, sem recuar muito no tempo, de nossos pais: vida agitada, veloz, inquieta, em que a velocidade e o relógio substituíram o sossego de antes; em que a cordialidade e a civilidade cederam lugar à agressividade e à indelicadeza e ao uso da exagerado da sensualidade, em que a sensibilidade, aos poucos, vai sendo esmagada por um materialismo desconcertante. Não podemos deixar de lamentar esse estado de coisas, responsável pelo abandono quase completo das formas de cortesia, como eram compreendidas até o início do século passado, e hoje relegadas ao segundo plano por um generalizado e cômodo desleixo no modo de falar, de apresentar-se, de comportar-se.

Efetivamente, a nossa maneira de viver mudou e muito como resultado de uma adaptação necessária, de um ajustamento lógico e oportuno. Alguns costumes que se achavam em desacordo com as circunstâncias atuais desapareceram por si mesmos. Outros nasceram por força de diferentes circunstâncias, renovando o que precisava ser renovado, ou seja, fazendo certas concessões aos novos costumes. Uma coisa, porém, é certa: nunca a etiqueta social foi tão necessária quanto agora num momento em que todos os códigos parecem ter entrado em crise, a ética e o bom senso, são diretrizes para uma nova conduta.

O mais importante hoje em dia na convivência humana é procurar sobreviver de uma forma mais confortável e vamos buscar isso no interesse, na sensibilidade e no entendimento entre as pessoas. A humanidade precisa se amar primeiro, estar bem para tratar os outros bem, e o melhor, bem aprender a conviver com as diferenças do próximo.

Referência Bibliográfica

- ABREU, Alice R. de Paiva. *O Averso da Moda*. São Paulo: Editora Hucitec. 1986.
- APOSTOLIDÈS, Jean-Marie. *O Rei Máquina: espetáculo e política no tempo de Luís XIV*. Rio de Janeiro: José Olympio; DF: Edumb, 1993.
- BARTHES, Roland. Inéditos. *vol 3 - Imagem e Moda*. São Paulo: Martins Fontes. 2005.
- BENSTOCK, Shari & FERRISS, Suzanne. *Por Dentro da Moda*. São Paulo: Rocco. 2002.
- BOURDIEU, Pierre. *Gostos de Classe e Estilos de Vida*. Rio Janeiro. Ed. Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A Reprodução*. São Paulo: Editora Vozes, 2008.
- BRAGA, João. *História da moda*. 7ª Ed. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi. 2007.
- BRAGA, João. *História da Moda: uma narrativa*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2007.
- BRAGA, João. *Reflexões sobre moda I*. 4ª Ed. ver. São Paulo: Ed. Anhembi Morumbi. 2008.
- BRAGA, João. *Reflexões sobre moda III*. 2ª Ed. ver. São Paulo: Ed. Anhembi Morumbi. 2008.
- BRETON, David. *Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade*. São Paulo: Papirus. 2003.
- BREWARD, Christopher. *The Culture of Fashion*. Manchester: University Press,. 1995.
- CALANCA, Daniela. *História e moda*. In: SCORCINELLI, Paulo (org.). *estudar a moda, corpos, vestuário, estratégia*. São Paulo: Senac,.2008.
- CALDAS, Dario. *Universo da Moda*. São Paulo: Ed. Anhembi-Morumbi. 1999.
- CASTRO, Claudine. *Etiqueta: um guia prático e atual para as boas maneiras*. 3;ed. Rio de Janeiro: Ediouro. 1997.
- CASTRO, Garcia Helena. *1000 perguntas de relações humanas e etiqueta*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1991.
- CRANE, Diana, *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade nas roupas*. São Paulo: Senac, 2006.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Tradução de Ruy Jurgman 2 ed., Rio de Janeiro : Jorge Zahar. 1994.

EMBACHER, Airton. *Moda e identidade: a construção de um estilo próprio*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 1999.

EMBACHER, Airton. *Moda e Identidade. A construção de um estilo próprio*. S. Paulo: Ed. Anhembi-Morumbi. 1996.

FEGHALI, Marta K.; DWYER, Daniela. *As engrenagens da moda*. Rio de Janeiro: SENAC, 2001.

GARCIA, Cláudia. *Pretinho: Um Clássico do guarda roupa feminino*. Folha On line: Especial de moda Almanaque. Disponível <<http://almanaque.folha.uol.com.br/pretinho.htm>> . Acesso em 15/01/2012.

Imagens. Disponível <<http://www.marquise.de>>, Acesso em 10/02/2012;

Imagens. Disponível < <http://www.sogrande.com.br/espartilho-plus-size>>, Acesso em 15/06/2012;

JOFFILY, Ruth. *O Brasil Tem Estilo?*. São Paulo: SENAC,1999.

KALIL, Gloria. *Chic[érrimo] Moda e etiqueta em um novo regime*. 3 ed. São Paulo: Códex, 2004.

KÖHLER, Carl. *História do vestuário*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEÃO, Ednalva. *História do Espartilho*. Disponível <<http://www.edinalvaleao.xpg.com.br/>> .Acesso em 15/06/2012.

LAVER, James. *De 1850 a 1900 in: A roupa e a moda: uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LEVER, Evelyne. *Maria Antonieta: A última rainha da França*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

LIMA, Laura Ferrazza de. *Maria Antonieta entre o Rococó e a Revolução*. [S.I.]. Disponível em: <http://www.modamanifesto.com/index.php?local=detalhes_moda&id=249> . Acesso em 27/02/2012.

LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do Efêmero: moda e seu destino nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 1989;

MANACORDA, M. A. *Historia da educação: da antiguidade aos nossos dias: Educação na Alta Idade Média e Baixa Idade Média*. São Paulo:Cortez. 2002.

Maria Antonieta - *Exposição Da Galeria Nacional De Paris*. Disponível em: <<http://spotimages.free.fr/MA/fr.html>>. Acesso em 04/02/2012.

MINICUCCI, Agostinho. *Relações humanas: psicologia das relações interpessoais*. 6;ed. São Paulo: Atlas. 2001.

MIRANDA, Ana Paula. *CONSUMO DE MODA: A relação pessoa – objeto*. São Paulo: Estação das letras. 2008.

MOUTINHO, Maria Rita, VALENÇA, Máslova Teixeira. *A Moda no Século XX..* Rio de Janeiro: Editora Senac, 2000.

NERY, Marie Louise. *A evolução da indumentária: Subsídios para criação de figurino*. 3ed. Rio de Janeiro: Senac. 2009.

NERY, Marie Louise. *A evolução da indumentária: subsídios para criação de figurino*. Rio de Janeiro: SENAC, 2004.

O'HARA, Georgina. *Cristobal Balenciaga: O arquiteto da costura..* Fashion bubbles. Disponível < <http://www.fashionbubbles.com/2008/cristobal-balenciaga-o-arquiteto-da-costura>> . Acesso em 16/01/2012.

PASCOLATO, Costanza. *Confidencial - Segredos de Moda, Estilo e Bem-viver*. São Paulo: Jaboticaba. 2009.

PENDERGAST, Sara; PENDERGAST, Tom.. *Encyclopedia of fashion costum: European culture, from the renaissance to the modern Era - Volume 3*; Estados Unidos da América: Thomson Gale, 2004.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Evolução Urbana do Brasil (1500-1720)*. São Paulo: Livraria Pioneira: Universidade de São Paulo, 1968.

RIBEIRO, Renato Janine. *A Etiqueta no Antigo Regime*. São Paulo: Moderna. 1999.

ROCHE, Daniel. *A cultura das aparências: Uma história da Indumentária nos séculos XVII ao XVIII*. Tradução Assef Kfourri. São Paulo: Senac, 2007.

SOUZA, Gilda de Mello e. *Espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras. 1987.

SOUZA, Gilda Rocha de Mello. *A Moda no Século XIX*. Tese de Doutorado

TORRE, Della M. B. L. *O homem e a sociedade: uma introdução à sociologia*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional. 1981.

Texto “*História do Espartilho*”. Disponível < <http://www.sogrande.com.br/espartilho-plus-size>>. Acesso 15/05/2012.

WEBER, *Caroline*. *Rainha da moda: como Maria Antonieta se vestiu para a Revolução*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2008.

Wikipédia. *Cultura Punk*. Disponível <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura_punk>. Acesso 03/02/2012.